

Cadáveres de palestinos juncam os acampamentos de Sabra e Chatila, em Beirute

## Beguin promove orgia de sangue em Beirute

O holocausto palestino é uma das páginas mais negras da história da humanidade. Beguin e Reagan usam os fascistas da Falange para massacrar o povo indefeso. Página 2

## Operários homenageiam a metalúrgica Lúcia

A vida de Lúcia Poço foi um exemplo de luta e dedicação. P. 7

### EDITORIAL

## Chantagem do governo

Mesmo sabendo que o resultado das urnas vai lhes apontar o caminho da rua, os donos do poder não admitem ceder o lugar para a oposição. O general Figueiredo, por exemplo, fez um discurso em Osasco ameaçando cortar as verbas federais para os Estados onde a oposição vencer. Ele argumenta que haveria uma "falta de harmonia" entre os governos federal e estadual. Mas a verdadeira desarmônia — ou melhor, antagonismo — é entre o governo ilegítimo, imposto pela força, e a vontade da imensa maioria dos brasileiros. A vitória da oposição em 15 de novembro será um grande passo para resolver esta contradição. A "harmonia" que o país exige é a colocação do poder nas mãos de governos legítimos, escolhidos pelo povo, tanto nos Estados como em Brasília.

Como parte desta orquestra de ameaças para amedrontar a oposição, o ex-ministro e destacado expoente do obscurantismo Armando Falcão também veio a público, em Fortaleza, para dizer que a oposição pode disputar eleições, mas "não pode vencer". É exatamente o que o governo tem procurado fazer com a lista interminável de casuís-

mos. Diante destas pressões e chantagens, surgem manifestações de inconsequência no seio da própria oposição. Atemorizados, alguns políticos pregam um entendimento nacional entre governo e oposição, depois das eleições, para promover reformulações na política econômica e até na Constituição. É um equívoco e um desrespeito aos eleitores opositores.

Em 15 de novembro os brasileiros querem eleger governos estaduais e parlamentares de combate e não de conciliação com o governo central. O povo vai votar na oposição, e principalmente no PMDB, como instrumento de luta pelo fim do regime militar. E não tenham dúvidas os candidatos

de hoje: serão atentamente fiscalizados por seus eleitores quando assumirem seus postos. Não é sem razão que desde já, na campanha eleitoral, os trabalhadores exigem que os candidatos se comprometam publicamente a permanecer na oposição depois de eleitos.

É claro que o governo federal vai tentar boicotar os governos opositores eleitos em cada estado e município. Mas a solução não será capitular e mendigar algumas migalhas. O que resolve é substituir o regime atual por um novo, que represente os interesses do povo. Os brasileiros querem mudar e vão exigir também o direito de mudar o presidente da República através de eleições livres e diretas. Os brasileiros querem uma nova Constituição — e não remendar a atual, de inspiração fascista e imposta pelos generais — para isto lutam pela convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana. Estas reivindicações estão expressas no programa do PMDB; e os representantes deste partido que forem eleitos terão que prestar contas ao povo de medidas concretas para realizar o que estão defendendo na campanha eleitoral.

Se por outro lado existe a ameaça de não se respeitar a vontade do povo expressa nas urnas, é preciso desde já prevenir contra estes planos golpistas. A efervescência da campanha eleitoral é uma ótima oportunidade para o povo discutir as formas de fazer valer o resultado do pleito. É também ocasião propícia para consolidar a união de todas as forças interessadas na democracia e organizar vigorosas manifestações de massa em todo o país em favor da liberdade. A campanha pode representar neste sentido um fator importante para colocar na defensiva os que, desrespeitando o voto popular, pretendem que a vontade dos generais continue predominando sobre a vontade da maioria dos brasileiros.

# Na oposição o povo pede passagem

No calor da campanha eleitoral, organiza-se dentro do PMDB o bloco ou tendência popular. Trabalhadores da cidade e do campo imprimem sua marca de firmeza à luta contra o governo e destacam as reivindicações sentidas do povo. As sucursais da Tribuna na Bahia, Goiás, Pernambuco, Maranhão e outros Estados contam como vão as candidaturas populares. Pág. 3



Eletricitário fulminado em trabalho: a cada semana morre um assim no Brasil

## A morte espreita os eletricitários

Armando Araújo foi uma das últimas vítimas fatais nos acidentes de trabalho que ocorrem com os eletricitários. Pág. 8

## Estudantes paulistas derrotam divisionistas

Este foi o resultado do congresso da UEE. Veja na pág. 5

## 40 mil pedem fim da ditadura na Argentina

Uma gigantesca manifestação, com 40 mil pessoas, aos gritos de "Vai acabar, vai acabar, a ditadura militar", marcou a marcha por "Pão, Paz e Trabalho", convocada pela Confederação Geral do Trabalho, na Argentina, dia 23 de setembro. Participaram da manifestação, além de entidades sindicais, as "Mães da Praça de Maio" — familiares de presos políticos desaparecidos pela ditadura militar argentina.

A marcha, que percorreu as principais ruas de Buenos Aires, foi intercalada por palavras de ordem como "Pão, Trabalho! A ditadura abaixo!", que logo evoluíram para "Paredão,

Paredão! Para os milicos que venderam a nação!" A repressão governamental ficou impotente, diante da grandiosidade da manifestação. E quando helicópteros da polícia política sobrevoavam o local, os policiais eram avistados nos telhados de prédios fotografando a manifestação, surgiam os coros de "L... da p...!"

A CGT entregou ao general Bignone, ditador de plantão na Argentina, um documento reivindicando "uma recuperação real dos salários dos trabalhadores", fim do desemprego, liberdade sindical e de organização e expressão, fim do aparato repressivo, entre outras medidas.

## A vida operária no canteiro de obras de Itaipu

Um operário contra com exclusividade para a Tribuna o dia-a-dia de exploração e miséria em Itaipu Binacional. Pág. 8

## Dentro da fábrica os metalúrgicos lutam por salários

Assembléia do dia 17 deu a partida na campanha salarial dos metalúrgicos de São Paulo. Pág. 5

## Delfim parte para aumentar o desemprego

Ministro vai aos EUA, após o "pacote de setembro", conseguir dólares à custa de mais demissões. Pág. 4



Domitila fala no Sindicato dos Metalúrgicos de Sto. André

## Domitila, uma boliviana de luta

A líder das minas bolivianas, em visita ao Brasil, luta com operários por a memória do seu povo. Pág. 12

Fundação Maurício Grabois

# A Bolívia sem os generais da coca

Uma impressionante agitação operária colocou por terra o regime militar da Bolívia. Depois de várias greves e manifestações em diversas capitais do país, a Central Operária Boliviana (COB) deflagrou uma greve geral por tempo indeterminado exigindo o afastamento dos generais corruptos e traficantes de drogas do poder.

A greve rapidamente se alastrou. Seis dos nove departamentos do país paralisaram por completo, além dos 56 mil mineiros. Pressionadas pela insatisfação crescente e pelo virtual colapso da economia, as Forças Armadas resolveram afastar-se do poder e reconvoar o Congresso eleito em 1980 e fechado pelo golpe militar. O Congresso deve confirmar como novo presidente Hernán Siles Zuazo, dirigente da União Democrática Popular (UDP), também eleito em pleito direto há dois anos atrás.

O golpe que derrubou Siles Zuazo levou ao poder o general-trafficante García Meza e dirigiu-se contra tudo que cheirasse um pouco mais progressista, utilizando a tortura e o assassinato. Mas a ditadura militar não conseguiu consolidar-se. García Meza foi derrubado por uma quartelada dirigida pelo general Natush Bush, que perdeu o poder para o general Celso Torrelli, que também teve que ceder o lugar para o general Vildoso, que agora foi obrigado a devolver o poder aos eleitos pelo povo.

O que levou à queda do governo de Vildoso foi o anúncio de um austero plano econômico de emergência exigido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). O governo democrático de Siles Zuazo, se chegar a tomar posse, herdará um país em ruínas, com uma dívida externa de 4 bilhões de dólares e cerca de 1,5 milhão de dólares movimentados no país pelo tráfico de cocaína, controlado pelos militares corruptos e reacionários.

A Bolívia — campeã mundial de instabilidade, recordista de golpes militares e de miséria, ainda tem um mar revolto pela frente, até que seu povo conquiste a liberdade e o progresso.



Domitila, no Sindicato dos Metalúrgicos, conta o sofrimento e a luta de seu povo

## A riqueza no país da miséria

Domitila Barrios de Chungara, a fascinante líder do Comitê de Donas-de-Casa da mina Siglo XX, da Bolívia, deixou São Paulo no último fim-de-semana, rumo à Bahia, Pernambuco e Paraíba. Após tomar parte da Semana das Mulheres nas Artes, ela tratou logo de buscar contato com o povo pobre, transmitindo a mensagem de solidariedade e luta dos operários bolivianos.

No meio da gente simples Domitila está à vontade. Dia 14, no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, esta mulher dos Andes, filha da legendária Siglo XX, falou uma linguagem universal — a começar pelas saudações operárias e revolucionárias a todos os metalúrgicos e todo o povo aqui presente.

A história de Domitila, transformada pela gráfica Moema Viezzer no excelente livro "Se me deixam falar", está na 7ª edição brasileira e foi publicado em 12 países. Da Suécia, onde exilou-se após o "golpe da cocaína" de 1980, ela viaja constantemente para fazer palestras.

### O POBRE PAÍS DOS GOLPES

"A Bolívia — conta Domitila — é conhecida pelos seus golpes e sua pobreza. Mas a Bolívia é um país tão rico... Temos estanho, prata, ouro, bismuto, zinco, ferro, petróleo, gás... Teríamos tudo para viver num mundo de satisfação e comodidade. Isto não acontece porque, há mais de 400 anos, nosso país é dominado pelo capital estrangeiro".

"Nosso país depende da dívida externa, dos investimentos que temos que pagar com juros. Este dinheiro segue planos que são feitos no exterior. Eles dizem como pagar, através do FMI e de outros bancos".

### QUEM LEVA O DINHEIRO

Domitila explica essa espoliação com

a imagem que aprendeu de um líder sindical da minha Siglo XX: "Vamos dizer que este papel são as divisas — isto é, o dinheiro que entra no país pelo estanho e por tudo que produzimos. Eles tiram uma parte para a prestação, outra para os juros da dívida (ela vai rasgando pedaços do papel), para o transporte..."

"Porém há mais. Com os golpes de Estado, quem é presidente hoje pode não ser amanhã. Então, uma das primeiras coisas que ele faz é pegar bastante dinheiro e depositar no exterior, geralmente na Suíça. Os governantes têm seus ministros, generais, senadores, deputados, que têm que ser contentados, inclusive para não tentarem um golpe. E entregam outra parte para esses senhores remeterem ao exterior. É o que se chama fuga de divisas. Eles precisam também do apoio das forças armadas, da polícia, dos cães policiais, bombas de gás, e com isto também gastam".

Descontando tudo, Domitila fica com um minúsculo papelzinho na mão, "que seria o salário dos operários". E conclui: "É por isto que nosso país, apesar de ser tão rico, vive numa situação tão desastrosa. Pela dependência, e por estes governantes que são o suporte do capital estrangeiro. O povo sabe desta realidade, e luta. Mas quando ele está para agarrar o poder, dá-se um golpe de Estado. É por isto que a Bolívia é a campeã dos golpes de Estado".

No auditório, entusiasmado, surge uma pergunta sobre a luta das mulheres. E Domitila responde que hoje as donas-de-casa estão organizadas em 33 centros mineiros e formaram também uma Federação de Mulheres Campesinas. "Por causa da inflação — conta ela — entramos na luta salarial. Mas a resposta foi massacres, torturas, golpes. Então vimos que é preciso também lutar, como diz a nossa Central Operária Boliviana, pela tomada do poder".

## A crise alemã derruba Helmut Schmidt

Depois de 13 anos no poder, o governo social-democrata, de Helmut Schmidt, — guia da social-democracia internacional — foi abaixo. Sua queda foi provocada pelo rompimento da coligação entre seu partido e o dos "democratas livres", perdendo assim a maioria parlamentar. O partido dos "democratas livres", chefiado por Hans Gensher, resolveu aliar-se aos democratas-cristãos, dirigidos por Helmut Kohl. Já está anunciada para 1º de outubro a escolha do novo gabinete, que será encabeçado por Helmut Kohl.

A mudança não deverá provocar nenhuma alteração de fundo na política alemã. Deve acentuar-se internamente a orientação econômica recessiva e prevê-se um alinhamento maior da Alemanha com as posições dos Estados Unidos na política internacional.

### AGRAVAMENTO DA CRISE

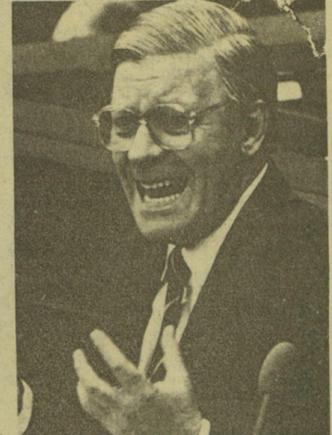
Por trás desta crise política se encontra um persistente quadro de crise econômica que, embora não atinja as proporções comparáveis com a dos Estados Unidos e da

Inglaterra, vem se tornando cada vez mais sensível para os alemães.

A Alemanha, que destina a metade de sua produção industrial ao exterior, vem encontrando grandes dificuldades para competir com os japoneses, sobretudo nos setores de automóveis e de aço (os principais da indústria alemã). Em consequência, o déficit da balança comercial alemã em 1981 foi de 10 bilhões de dólares.

O banco central alemão vem impondo medidas de austeridade no consumo da população, através de aumentos salariais abaixo da inflação, redução de férias e outras medidas restritivas. Hoje existem no país cerca de um milhão de desempregados e a taxa de inflação é alta para os níveis alemães (6%).

O descontentamento dos trabalhadores tem se manifestado de maneira crescente, começando a forçar até os sindicatos controlados pela social-democracia a se contrapor aos aumentos oferecidos pelos patrões, que não atingem nem a metade da inflação vigente.



Schmidt, incapaz de vencer a crise

Tudo isto levou ao desgaste do chanceler Helmut Schmidt e do seu partido social-democrata (SPD), e à sua substituição pelos democratas cristãos (CDU), que se apresentam até agora como oposição mas vão aprofundar ainda mais a política de austeridade e aperto contra o povo.



As vítimas da carnificina patrocinada por Israel e executada pelos falangistas em Beirute Ocidental

## Israel promove mais uma orgia de sangue

A autêntica orgia de sangue promovida pelo governo de Israel em Beirute Ocidental é uma das páginas mais negras da história da humanidade. De 16 a 18 de setembro, milhares de velhos, crianças e mulheres palestinas foram exterminados a sangue frio, sem misericórdias, num massacre organizado pelos dirigentes sionistas.

Desrespeitando covardemente o acordo de paz firmado no Líbano, Begin e Sharop se aproveitaram da retirada dos guerrilheiros da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) e da força multinacional que ocupava o Líbano, e promoveram a mais bárbara matança de civis desarmados e indefesos. O holocausto começou na noite

de terça-feira, tendo como pretexto o atentado contra Bachir Gemayel (ver T.O. da semana passada).

### GUARDIÃES DA ORDEM

As tropas sionistas invadiram Beirute Ocidental supostamente para "estabelecer a lei e a ordem" e encontrar 2 mil guerrilheiros da

OLP que lá estariam escondidos. Os campos de refugiados palestinos de Chatila e Sabra foram cercados e bombardeados durante dois dias seguidos. Ao mesmo tempo, milícias fascistas do Partido Falange e do traidor major Saad Haddad penetravam na região sob proteção israelense. Na noite de quinta os milicianos começaram a matança nos campos de refugiados.

### SEM RESISTÊNCIA

Praticamente não houve resistência por parte dos palestinos, deixando claro que não havia no local os 2 mil guerrilheiros da OLP argumentados pelos sionistas. Grande parte da população massacrada tinha voltado recentemente aos seus lares, confiando nas garantias do governo norte-americano, de que a sua segurança seria preservada e os israelenses não entrariam em Beirute Ocidental.

### FUZILAMENTO EM MASSA

A selvageria foi total. Famílias inteiras foram aniquiladas. Grupos de palestinos eram simplesmente arrebanhados e fuzilados nas ruas às centenas (como os nazistas faziam com os judeus, outrora). Pacientes e populares aterrorizados, que buscavam proteção nos hospitais de Akka e de Gaza também foram vitimados. No Hospital Akka uma enfermeira palestina foi repetidamente estripada e morta a bala pelos milicianos fascistas na frente de médicos ocidentais.

No Hospital de Gaza, onde havia mil refugiados palestinos, além de 82 pacientes e 52 empregados, os falangistas forçaram a retirada de todos os estrangeiros. Quando estes retornaram, só restavam 25 feridos e 15 empregados. Mais de mil pessoas desapareceram, talvez assassinadas.

### ESCONDENDO CADÁVERES

Os primeiros repórteres se estabeleceram com as cenas de morte e destruição ao chegar nos campos. Os assassinos ainda usavam pás mecânicas e bulldozers para tentar esconder os cadáveres sob montes de terra. Mas pernas, braços e cabeças ficavam de fora. Por todo lado eram encontrados familiares desesperados, aos prantos, velando pilhas de corpos putrefatos. O balanço das vítimas cresce dia a dia. As últimas estimativas dão conta de 4 mil pessoas exterminadas pelos sionistas e seus parceiros, os fascistas da Falange. (Luiz Fernandes)

## As mãos sujas de Begin e de Reagan

O governo de Israel tentou se livrar de qualquer responsabilidade no atual massacre dos palestinos. Mas até mesmo os jornais de Israel responsabilizam Begin pela orgia sangüinária. Os milicianos falangistas não só cruzaram aberta e repetidas vezes a linha israelense, para penetrar nos campos de refugiados, como até chegaram a acampar junto com seus parceiros do exército sionista, durante o massacre.

Se a princípio o governo de Israel afirmava que não sabia da penetração dos falangistas nos campos, depois acabou por admitir o ingresso dos milicianos em Beirute Ocidental para "expulsar os terroristas da OLP, sem sujar as mãos". Sharon e Begin dizem, contudo, que assim que souberam do genocídio, suas tropas intervieram, para evitar uma matança maior. Mas a chacina, de mais de 36 horas, aconteceu dentro do raio de visão dos postos israelenses. E as tropas de Israel impediram, inclusive, o acesso de repórteres aos campos.

### APOIO SIONISTA

A verdade é que o governo sionista não só sabia, como foi co-autor do massacre. A conservadora revista norte-americana, NewsWeek, denunciou que os israelenses até lançaram foguetes luminosos, que permitiram que a chacina prosseguisse noite adentro. É público e notório que as forças do major Haddad, parti-



Major Haddad, amigo dos sionistas

cipantes diretos do massacre, estão praticamente integradas ao exército de Israel, e sob as suas ordens.

Por tudo isto, o gabinete do governo de Menahem Begin se recusou a formar uma comissão oficial para apurar as responsabilidades pelo massacre. Qualquer investigação um pouco mais idônea provaria a culpa de Israel e mostraria a cumplicidade do governo norte-americano, que não tomou nenhuma medida concreta contra o seu protegido e aliado, a quem arma até os dentes para defender seus interesses na região.

Não há dúvida que o governo Reagan tem responsabilidade em mais esse crime contra a humanidade. Ele ordenou, inclusive, a retirada antecipada das suas tropas de Beirute, deixando a população local à mercê dos bandos sionistas e falangistas, sem ter como se defender.

## Colabore com a campanha de assinaturas da Tribuna Operária

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318. Anual de apoio (52 eds.) - Cr\$ 4.000,00 Semestral de apoio (26 eds.) - Cr\$ 2.000,00 Anual comum (52 eds.) - Cr\$ 2.000,00 Semestral comum (26 eds.) - Cr\$ 1.000,00

Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: .....  
Cidade: ..... Estado: .....  
CEP: ..... Telefone: .....  
Data: ..... Profissão: .....

## Tribuna Operária

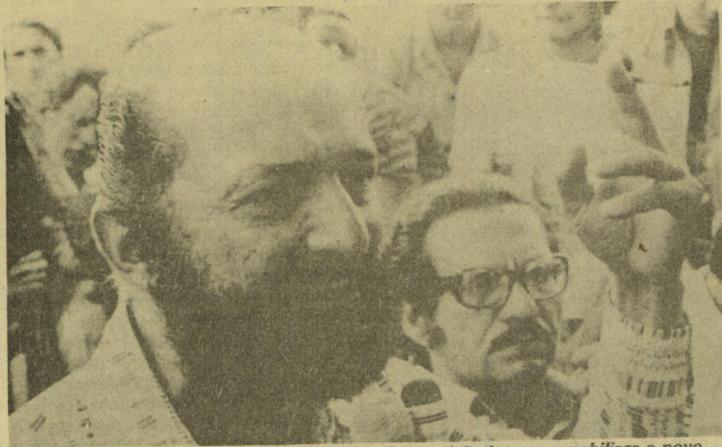
Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

Journalista responsável: Pedro Oliveira  
Conselho de Direção: Rogéria Lustosa, Bernardo Joffily, Dillvia Rangeli  
Sucursais:  
Acre: Rua Belém, Estação Experimental - Rio Branco - CEP 69000 - Amazonas: Rua Simão de Sá, 331-A, Pça da Saúde, Caixa Postal 1439, Manaus - CEP 69000 - Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000 - Maranhão: Rua da Paz, Altos - Centro

São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313-sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000 - Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - Garanhuns - CEP 55300. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Macaé - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 111 - Estrada Santana, CEP 44100. Bahia - CEP 42800. Av. Juracy Magalhães, 100 - sala 204 - Taboquinha - CEP 45000. Minas Gerais: Rua de Bahia, 573 - sala 304 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7695 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345-355 - Contagem - CEP 32000. Galena - Cons. - CEP 32000. Goiás: Rua 15 de Novembro, 49 - sala 15 - Goiânia - CEP 74000. Tel. 225-6888. Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa 548 - Cuiabá - Tels. 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127 - sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90 - sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20.000. Rua Carvalho de Souza, 155 - Loja "F" - Madureira - Rio de Janeiro - Av. Amaral Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubutuá, 1716 - sala 9 - 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - CEP 11100. Paraná: Av. Milton Churchill, 2030 - sala 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montaurio, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Imprensa: Fundação Maurício Grabois - Rua Cunha, 49 - Fone 531-8900 - São Paulo

"Frente à ofensiva do governo militar de processar a Editora Anita Garibaldi, responsável pela Tribuna Operária, há necessidade de não deixar o jornal desamparado, sozinho. E a assinatura do jornal é uma forma de ajuda concreta. Precisamos defender os jornais de oposição, não deixar que as classes dominantes caem esta importante voz no país". (Abdias dos Santos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói e membro da Intersindical do Rio)





O secretário geral do PMDB afirma que a toda oposição interessa mobilizar o povo

## Chico Pinto: "eleitores não vão dividir o voto"

"O eleitorado está percebendo que não deve ajudar o governo, dividindo o seu voto. Isso é o que mostra a tendência de crescente aceitação dos pequenos partidos à medida em que se aproximam as eleições". A afirmação é do secretário geral do PMDB, deputado federal Chico Pinto, em entrevista exclusiva à Tribuna.

Segundo o combativo deputado baiano, "em alguns Estados o PDT tem tido a sensibilidade de não ajudar a fracionar a oposição, como na Bahia e Pernambuco. Mas em outros Estados, esse fracionamento pode legitimar a vitória do governo. O grande equívoco dos partidos menores é de não terem demonstrado flexibilidade para adotar uma nova tática em função dos movimentos táticos adotados pelo adversário, no caso o governo".

### Dividir os votos é cooperar com o PDS

O secretário geral do PMDB lembra que os estrategistas militares realizaram uma palestra na Escola Superior de Guerra onde salientaram a necessidade de dividir a oposição: "O governo extinguiu os velhos partidos e criou novos. E, só após isso, estabeleceu as regras eleitorais. O pluripartidarismo é uma bandeira da oposição. Contudo, a criação dos novos partidos, mesmo sem a liberdade para todas as correntes de pensamento político, seria menos ruim. Acontece que, com as regras e casuísticos estabelecidos, insistir na manutenção dos partidos menores é colaborar para que o governo, conquistando maioria eleitoral, se jacte de estar legitimado pela vontade expressa dos eleitores nas urnas".

Chico Pinto destaca que "não tem faltado à oposição tentativas de

mobilizar amplas massas, seja por motivação ideológica ou por interesses eleitorais. Todos os candidatos aos diversos cargos têm interesse nesta mobilização. Há fenômenos, como no Rio Grande do Norte e no Amazonas, que se explicam pelo fato dos candidatos a governar já terem ocupado o cargo. Já o governo, tem todos os meios para mobilizar o povo, mas não faz isso, pois não tem o povo ao seu lado. E a oposição tem o povo, mas não tem os meios".

### Violar direito é a norma da ditadura

A entrada em vigor da Lei Falcão mostra o temor do governo diante do povo, afirma o deputado: "A Lei Falcão em si só já é uma aberração. Através dela o governo prejudica muito mais o eleitor do que o PMDB. O direito à informação é do eleitor. O partido tem o dever de informar, para que o cidadão, cotejando programas e posições dos candidatos, possa votar conscientemente. O governo, quando impede o partido de fazer propaganda, já está violando um direito do cidadão brasileiro. Mas violar direito no Brasil não é uma exceção. É uma norma implantada pela ditadura militar desde 1964".

"Com a Lei Falcão", afirma Chico Pinto, o eleitorado fica desinformado e mistificado. O encarecimento da campanha, a distorção da vontade do eleitor acabam por sacrificar o povo, e o governo desvia recursos massivos para a propaganda oficial. Além disso, o próprio governo burla a lei aparecendo constantemente na televisão — tanto o presidente da República como os governadores de Estado. E à oposição é negado o direito de resposta às críticas que lhes são feitas pelo governo". (da sucursal de Salvador)

## Quem é e quem não é oposição consequente

O que é ser oposição consequente hoje no Brasil? Esta é uma grande dúvida colocada pela campanha eleitoral em curso. Para os trabalhadores a resposta está ligada a uma outra indagação: qual o obstáculo que deve ser removido pelo povo brasileiro para fazer avançar a revolução?

O principal entrave para o avanço do povo brasileiro é o regime militar implantado no país desde 1964. Nesta conjuntura, oposição consequente é a que procura unir o máximo de forças para liquidar este regime e conquistar a liberdade política. O êxito nesta tarefa criará condições favoráveis para as transformações profundas, econômicas e políticas, que os trabalhadores devem realizar no país, rumo ao socialismo.

Várias correntes políticas de oposição vacilam em levar até o fim a luta pelo fim do regime militar.

### CONDENAÇÃO DO GOVERNO

Na luta contra o regime, a oposição consequente faz da campanha eleitoral um instrumento para uma vigorosa condenação do governo. E isto se realizará com a concentração maciça de votos no PMDB, única legenda oposicionista capaz de vencer a máquina do governo em todo o país.

Mas dentro do próprio PMDB correntes e candidatos vacilantes restringem a campanha à disputa de alguns governos estaduais e de certo número de postos no parlamento, para ter poder de barganha com o governo federal. Limitam-se por isto a uma campanha morna e conciliadora. A oposição consequente tem o importante dever de ajudar o PMDB a vencer esta a fraqueza e cumprir o papel de oposição que o povo exige.

A oposição consequente, e dentro dela, principalmente, o proletariado, tem mais interesse numa vitória esmagadora

do PMDB do que muitos dos candidatos a governador do próprio PMDB. Uma vitória deste tipo, mais do que uma simples conquista de cargos, será um triunfo do povo em sua luta contra o arbítrio e contra a fome.

### O JOGO DO PDS

O governo tem consciência desta situação. Através de ameaças procura intimidar a oposição e promover os conciliadores. E trata de estimular a divisão dos que são contra o governo.

No Rio Grande do Sul, a única chance de Jair Soares, do PDS, é o crescimento da candidatura de Alceu Colares, do PDT. No Rio, a esperança do governo é que Brizola consiga polarizar uma boa parte dos votos oposicionistas. E em São Paulo o grande trunfo de Maluf e Reynaldo de Barros é a campanha de Lula (e também de Jânio) para dar a vitória ao PDS. Estes partidos, porque também são vacilantes, porque temem o confronto aberto entre oposição e governo, aceitam fazer o jogo do governo: apresentam-se como alternativa para dividir os votos oposicionistas. Atacam principalmente o PMDB. Procuram igualar o PMDB ao PDS.

O trabalhador consciente não pode cair neste jogo. A vida lhe ensina que a sua força reside principalmente na unidade. E hoje a hora é de unidade com todos os descontentes com estes 18 anos de repressão, de desemprego, de entreguismo e de corrupção, para derrotar o regime em 15 de novembro. Esta derrota pode levar a uma correlação política favorável às forças populares e operárias no país. Por isto, até 15 de novembro a principal forma de trabalhar pela revolução é fazer uma ampla campanha para unir forças contra o governo e para ganhar votos para o PMDB. Dentro do PMDB fortalecer os candidatos populares. (Rogério Lustosa)

# O bloco do povo dá seu recado

A campanha do PMDB ganha força em todo o Brasil na exata medida em que o povo simples entra nela para valer, com seus candidatos. Em vários Estados esta participação ganhou uma qualidade superior, com a atuação organizada de um bloco, tendência ou corrente popular do PMDB.

Ainda há um ano o governo contava com uma vitória certa na Bahia; hoje, uma sensacional reversão de expectativas aponta o PMDB como favorito. E a Tendência Popular teve um peso importante na virada.

Além do apoio de lideranças com o peso eleitoral e a tradição de lutas de um Francisco Pinto — o deputado mais votado da Bahia — a Tendência conseguiu ter propostas — e candidatos — enraizados no povo pobre. Em Itabuna, por exemplo, lançou para vereador um trabalhador em fábrica de cacau. Em Guanambi, concorre com um camponês. Em Itapetinga, com três operários para vereador e um candidato à prefeitura, Isaías Amorim, que extraiu seu programa de governo de cerca de 70 reuniões em bairro.

Haroldo Lima, candidato a deputado federal com forte apoio nos meios sindicais baianos, explica outro fator: "Nós fazemos questão de aparecer como os mais intransigentes opositores deste regime e em particular do seu representante na Bahia, Antonio Carlos Magalhães, o famigerado governador ACM. E ele, por sua vez, investe acima de tudo contra nós".

### POLO DE AGLUTINAÇÃO

No Maranhão, o Bloco Popular destacou-se ao organizar 12 diretórios do PMDB. E hoje pesquisas da Rádio Educadora de São Luis apontam José Augusto Mochel e Luiz Pedro, candidatos do Bloco a deputado federal e estadual, como os



A presença do Bloco Popular num comício do PMDB goiano (acima) e também na capital cearense



segundos colocados na preferência do eleitorado oposicionista. Junto com eles estão 14 candidatos a prefeito e cerca de cem a vereador. Só na capital são quatro candidatos fortes à vereança — destacando-se Helcio Silva, o vereador mais combativo da oposição mara-

nhense, que deixou a presidência do PT de São Luis pelo Bloco Popular.

Também no município maranhense de Porto Franco, todo o Diretório do PT passou a apoiar o PMDB, dentro da perspectiva do Bloco Popular — que se projeta como aglutinador dos que, de fato, fazem oposição do ponto de vista dos trabalhadores, sem cair no divisionismo do PDT e do PT.

### UMA FORÇA ORGANIZADA

Talvez seja o Bloco Popular de Goiás que se estruturou de forma mais definida. Já no início do ano realizou um encontro estadual, com mais de 30 municípios e 20 bairros, vilas e invasões de Goiânia, escolhendo para coordenador Aldo Arantes, candidato a deputado federal.

"A receptividade às propostas do Bloco, por terra, trabalho, liberdade e independência nacional tem sido muito boa — comenta Uldurico Pinto, candidato a deputado estadual — O trabalhador sente que eles falam diretamente do seu dia-a-dia. O



Augusto Mochel (à direita), o preferido na oposição maranhense

## Idéias, trabalho e dinheiro vêm do povo

Nestas eleições, tidas como as mais caras da história, a maneira das candidaturas populares compensarem sua pobreza é com uma ampla participação voluntária da gente simples do povo.

Em Pernambuco, Luciano Siqueira tem hoje o maior comitê eleitoral do Estado, como é reconhecido por todos — maior até, em movimentação de gente, do que a própria campanha majoritária. Os voluntários entram com idéias práticas, com trabalho e até com o dinheiro da campanha.

"No comício de lançamento da minha candidatura juntamente com a do Luciano — observa Eufrásio Elias, líder de bairro na Mustardinha e candidato a vereador — conseguimos juntar cerca de 5 mil pessoas. Pois bem, o custo de tudo foi de 270 mil cruzeiros, quando todo mundo diz que outros candidatos não o fariam com menos de um milhão. Tudo foi feito pelos voluntários. Gastamos apenas com propaganda e com transporte".



Luciano (à direita) com Marcos Freire, em campanha.

Em Goiânia, cerca de 300 pessoas, todas voluntárias, trabalham na campanha do Bloco Popular, segundo a avaliação de Euler Vieira, candidato a vereador. "Sem o trabalho abnegado dessas pessoas — comenta Euler — seria impossível a criação dos Centros de Orientação Política, que envolvem os moradores dos bairros, cedem suas casas, minutos que vão

orientar os trabalhadores para que não anulem seu voto".

A idéia dos Centros de Orientação Política surgiu da complicação da cédula pelo governo. Baseia-se totalmente no voluntariado. "Até o momento — conta Euler — já temos implantados quase 200 Centros nos bairros onde o Bloco Popular já tinha em funcionamento".

### Tendência que vem para ficar

Nem todos gostam de ver operários, camponeses, mulheres e jovens organizando-se de maneira autônoma e com bandeiras próprias dentro da legenda do PMDB. Certos políticos torcem o nariz — acostumados que estão a ver o povo trabalhador como simples fonte de votos.

Esta porém é uma tendência que veio para ficar, uma necessidade da luta democrática de todos os oposicionistas e, mais ainda, um imperativo ditado pela ascensão dos movimentos populares nos últimos anos. Apesar da relativa inexperiência, ela cresce a olhos vistos. E torna-se vertiginosa na medida em que os candidatos e demais líderes populares aprendem, no fogo da campanha, as regras e manhas da luta eleitoral.

A maioria dos trabalhadores — em especial os operários — caminha para o voto de oposição, no PMDB, dia 15 de novembro. Reage às alternativas divisionistas, quer votar para valer. Mas quer votar em quem levanta os seus problemas, as suas bandeiras, populares. É uma força imensa, pronta para ser mobilizada, na campanha e na hora decisiva do voto.

Bloco inclusive tem recebido adesões do PT, como em Córrego do Ouro, onde todo o diretório do PT passou para o PMDB, com a condição de que seus membros se ligassem ao Bloco".

Em Pernambuco o que pode-se chamar uma corrente do bloco popular organizado vem se forjando ultimamente, no fogo da campanha.

Luciano comenta que a iniciativa encontrou resistências, "de alguns políticos de grande prestígio popular mas que vacilam em se comprometer com os movimentos organizados de massas". O povo simples, porém, gostou da idéia — e desses candidatos que firmam plataformas mais ligadas aos seus problemas inclusive o compromisso de exercer seus mandatos sob o controle coletivo do movimento de massas organizado.

### FORÇA QUE CRESCE

Na Paraíba, o recente encontro dos candidatos populares do PMDB reuniu recentemente mais de 500 pessoas, na maioria camponeses de 14 municípios que reivindicaram e conseguiram do candidato a governador Antonio Mariz um compromisso de apoio a várias das suas bandeiras, em primeiro lugar a reforma agrária. No Ceará, o Bloco liderado por Benedito Bizerril tem feito comícios com a 6 mil pessoas em cidades como Baturité, Nova Russas, Aracatuba, Aratuba. Desta forma, um pouco por todo o Brasil, vão ganhando força a alternativa de unidade popular dentro do frente democrática que é o PMDB. (das sucursais)



O Fundo Monetário Internacional, depois da crise mexicana, deixou de atender os pedidos...

## A guerra total contra a economia brasileira

Guerra total contra a economia brasileira! Nos últimos doze dias Figueiredo decretou um terrível pacote-recessão. Sem dinheiro em caixa e sem conseguir empréstimos no mercado mundial o governo mais uma vez se submete aos banqueiros internacionais. Depois de dirigir as primeiras pauladas Delfim Netto viaja para os Estados Unidos pedindo novas instruções. E mais dinheiro! Depois da crise do México, o Brasil entrou em parafuso. Dando calote em centenas de empresas privadas, criando impostos e taxas de emergência, o governo do general Figueiredo entrou em pane.

Em poucos dias o Brasil torrou 7 toneladas de ouro de suas reservas, retirou 216 milhões de dólares de reservas especiais que ficam no Fundo Monetário Internacional e mesmo assim continuou o buraco no caixa. O país precisa captar em torno de 300 milhões de dólares por semana mas o mercado financeiro

está traumatizado pelo calote do México e da Polônia, pela delicada situação da Argentina, e não empresta.

Já noticiamos as dificuldades que a Vale do Rio Doce está enfrentando com os empréstimos externos. Os banqueiros não aceitam nem mesmo a garantia do



... de empréstimos constantemente feitos por Delfim.

Tesouro Nacional, exigem "taxas" de garantia e até participação nos lucros dos projetos. Nos últimos dias a situação se agravou. A Itaipu Binacional, a Eletrobrás, a Siderúrgica Tubarão pediram empréstimos, para dificuldades de curto prazo, e ficaram de mãos vazias.

### CHANTAGEM INTERNACIONAL

O corte do crédito em dólares funciona como uma dura chantagem. Os banqueiros mais uma vez dirigem diretamente nossa economia. O governo não admite publicamente a falência mas aplica uma política tão dura como a do FMI, preparando uma recessão pior do que a de 1981.

No dia 15 Figueiredo baixou um decreto permitindo que o Banco Central recolha até 60% dos depósitos bancários, um aumento de 20% sobre o valor anterior. É uma violenta medida de corte nos empréstimos. Com menos dinheiro no mercado, a taxa de juros dá um novo salto e a empresa que precisa de crédito é obrigada a apelar para o dólar. Mas o mercado internacional está praticamente parado para esses financiamentos. Já no dia seguinte à regulamentação do decreto os empréstimos internos ficaram paralizados.

### SITUAÇÃO GRAVE

No dia 22 mais uma etapa do pacote-recessão. Figueiredo e Delfim acertaram um plano para arrotar as empresas estatais. O corte no orçamento dessas empresas será em torno de 120 bilhões de cruzeiros. Elas deverão ter um crescimento inferior a inflação. Deverão também diminuir suas despesas operacionais, incluindo o corte de funcionários. A situação é tão grave que o governo toma essas medidas em plena campanha eleitoral!

(Luiz Gonzaga)

Os trabalhadores lutam contra a crise que é jogada em suas costas

### Operário é quem paga a crise

Os trabalhadores brasileiros e particularmente os operários foram marcados pela recessão de 1981. O desemprego atingiu a mais de 2,5 milhões de pessoas. Só no setor de autopeças, como exemplo, 80 mil trabalhadores foram demitidos. A produção industrial caiu 10%. A tragédia só não foi maior por que as exportações cresceram, a produção agrícola aumentou 8% e as empresas estatais tiveram bons resultados. Enquanto o número de empregados nas empresas privadas e multinacionais teve uma diminuição de 15% ou mais, nas estatais o emprego cresceu e na base de 3%.

Em 1982 a economia não está crescendo e deverá fechar o ano a zero. As exportações sofrem

uma queda de 10% em valor. Além disso alguns países não pagam as compras que fizeram no Brasil e com esse calote algumas empresas afundam. O caso mais recente foi a poderosa indústria Nardini que não recebeu o pagamento por produtos vendidos ao México e pediu concordata.

Segundo o economista Adroaldo Moura, da turma do Delfim, essas medidas são apenas o começo. E a última edição da revista americana Business Week é bastante clara: "Passadas as eleições o ministro Delfim Neto terá que amortecer os aumentos salariais, que para a maioria dos trabalhadores está 10% acima da inflação".

## Eliseu gasta milhões para salvar a imagem do PDS em Minas

Rios de dinheiro, inclusive dos cofres públicos, estão sendo gastos na campanha eleitoral do PDS de Minas Gerais, uma das mais caras do país. No desespero de causa, o comitê de Eliseu Resende, candidato situacionista ao governo, distribuiu 70 carros Fiat zero quilômetros, no valor total de Cr\$ 100 milhões, a cada um dos candidatos a deputado federal e estadual do PDS. Gastou Cr\$ 16 milhões para confeccionar milhares de cartazes; Cr\$ 40 milhões para imprimir plásticos adesivos.

Só de aluguel dos 300 out-door espalhados por Belo Horizonte com retrato de Eliseu, o comitê paga Cr\$ 495 mil por dia. As



Eliseu quer fugir das vaias

camisetas com estampas ficaram em Cr\$ 600 milhões e os cem mil estandartes ficaram no valor de Cr\$ 20 milhões. Para imprimir todo este material o comitê do PDS montou uma fábrica e quatro agências de

propaganda foram contratadas, faturando cerca de Cr\$ 130 milhões.

### ELISEU LEVA VAIAS DO POVO

Mas todo este arsenal publicitário não salva e nem limpa a imagem do governo e do seu partido. Em todos os locais que Eliseu fez comício houve protesto, com vaias e quebra-quebra. Em Belo Horizonte, um comício no Alto Vera Cruz, semana passada, acabou virando pancadaria. As vaias de 500 pessoas impediram os governistas de abrirem a boca. Várias faixas foram erguidas, inclusive uma do candidato do Bloco Popular a vereança, Francisco Luciano. Quando os capangas do cabo Rocha tentaram rasgá-las, começou a briga. O carro de um candidato do PDS e o do cabo Rocha foram apedrejados. (da sucursal)

## O povo do Piauí também votará contra o regime

A candidatura de Alberto Silva ao governo do Piauí pelo PMDB — acusada de não opor-se ao general Figueiredo — nem por isto escapa à pressão oposicionista que vem do povo simples. Em comícios com até 30 mil pessoas, como o do Parque Piauí, em Terezina, o eleitorado pede uma atitude de oposição, e firme. E o candidato do PDS, Hugo Napoleão, já foi impedido pelo povo até de fazer inaugurações, tamanha é a repulsa à dinastia oligárquica dos Portella, que ele representa.

É neste quadro que aparecem as potencialidades de candidaturas populares como a de Kleber Montezuma, a deputado estadual, e Osmar Júnior, vereador. Falando a linguagem do povo, elas têm tudo para vencer.

## Campanha contra LSN no Rio Grande do Sul

"Fim da Lei de Segurança Nacional — uma exigência da Nação" é o slogan da campanha iniciada no último dia 16 no Rio Grande do Sul pela revogação da lei fascista de Segurança Nacional. A campanha foi encabeçada pela Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado, pelo Comitê Brasileiro de Anistia, além de sindicatos, entidades estudantis e movimentos populares, pelo PMDB, PDT e PT, partidos de oposição.

No ato de lançamento da campanha o advogado Heleno Fragozo denunciou o caráter fascista da LSN, que opera como "um instrumento de opressão, a serviço do sistema arbitrário vigente no Brasil". Segundo ele, esta lei serve para "perseguir estudantes, trabalhadores, todos considerados perigosos para o sistema", enquanto o terrorismo de direita prossegue impune. Heleno Fragozo destacou ser necessário um amplo movimento de opinião pública pela conscientização geral de que a Lei de Segurança Nacional é um instrumento de opressão que precisa ser liquidado. (Da sucursal).



O cartaz da campanha gaúcha contra a LSN

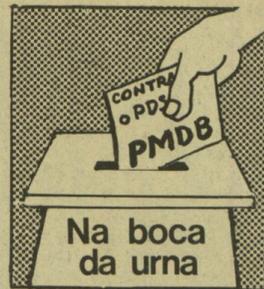
## No Estado do Ceará 17 entidades apoiam a editora da Tribuna

Está circulando em Fortaleza, Ceará, um panfleto assinado por 17 entidades repudiando a tentativa de enquadramento na Lei de Segurança Nacional dos responsáveis pela Editora Anita Garibaldi, diz o documento.

"Não satisfeitos com a prisão e enquadramento na LSN de 13 pessoas em Salvador por ocasião do lançamento da revista Guerrilha do Araguaia, que documenta a luta armada do povo daquela região por liberdade, terra e melhores condições de vida, a ditadura militar procura enquadrar na mesma lei os responsáveis pela editora Anita Garibaldi. Além desses, sofre também o mesmo tipo de ameaça o professor José Fletes, de Florianópolis. No Rio de Janeiro, Elza Monnerat, veterana combatente da causa democrática e popular, sofre perseguições. Em São Paulo, João Amazonas é chamado a depor na Polícia Federal."

Lembrando que este ato de repressão não ocorre de forma isolada, o documento conclama o povo cearense a se solidarizar com as vítimas da repressão e cerrar fileiras para dar um basta a todos os atos que violentam a consciência democrática brasileira. Assinam, o documento a Federação dos Bairros e Favelas de Fortaleza, a Frente Sindical dos Trabalhadores Urbanos e Rurais do Ceará, entidades femininas e estudantis, grupos teatrais e jornais alternativos.

## O PDS põe mas o povo arranca



O povo do Parque Industrial, Curitiba, está em guerra com o PDS. Os candidatos governistas poluíram os postes e casas daquele bairro popular com suas plaquetas de propaganda, mas o povo, indignado, arrancou toda a "indecência". O PDS pôs novas plaquetas, o povo voltou a limpar o bairro, em mutirão.

Os pedessistas resolveram então policiar os moradores. Contrataram um carro para rondar o bairro — e acabaram flagrando uma moradora, numa rua central do Parque, em plena tarefa de arrancar a propaganda do PDS. Partiram para ela: "Então é você que arranca nossas placas?" E ouviram o que não queriam: "Sou eu mesma, e todos os moradores do bairro".

Enquanto a discussão corria, foi chegando gente e o povo terminou quebrando os vidros e amassando a lataria do carro, a pedradas. Uma moradora explicava: "O que eles estão pensando? Que o povo é carneiro? Quebramos mesmo, e dia 15 de novembro, nas urnas, vamos quebrar as pernas desse governo safado".

### Virada em Itapetinga

Entre os dias 8 e 11, uma série de comícios do PMDB reuniu nada menos que 30 mil pessoas na região baiana de Itapetinga. Na cidade de Itapetinga, 15 mil populares acorreram para ouvir a mensagem da oposição. Mas a recordista foi Itambê, com 5 mil eleitores e 4 mil presentes no comício. Desde 1964 nunca houve um só prefeito de oposição nos 13 municípios da região — hoje base eleitoral número um do candidato da Tendência Popular do PMDB a deputado estadual, Luiz Nova.

### PT veio ao lugar errado

Num dos seus comícios de toda semana na Praça da Sé, São Paulo, o candidato a federal Aldo Rebelo topou com um militante do PT, que fazia provocações. Aldo deulhe o microfone, deixou-o falar à vontade. Depois perguntou ao povo: "Ele falou alguma coisa contra o governo? A fome? O desemprego? O Maluf e o Delfim?" A resposta foi um grande Não. "E contra o PMDB?" Um Sim ainda maior. "Então, companheiro do PT, você veio ao lugar errado, porque nós aqui somos oposição ao governo. Ataque ao PMDB é nos comícios de Maluf e seu bando". O petista bateu em retirada.

### Dedo-leve malufou súflé

Ao chegar à porta da metárgica Vigorelli para um comício, o deputado operário Aurélio Peres (PMDB-SP) encontrou um clima de revolta. O ex-governador Maluf almoçara com os patrões na fábrica e ficara com todo o súflé de frango — sem deixar um fiapo aos operários. Na saída, os operários apalparam o bolso, "para ver se a carteira está aqui, porque o Maluf tem dedo leve".

### Currais do PDS se abrem

Clériston Andrade, candidato governista na Bahia, não ganha só vaias, ovos e pedras em Castelo Branco, IAPI, São Caetano e outros bairros de Salvador. Em cidades como Milagres, Iguai, Potiraguá, tidas como "currais fechados" do governo, vereadores do PDS preferiram desistir da reeleição, num gesto lúcido, para ajudar o povo a derrotar o governo.

### Lídice abre trincheira

Trezentos populares superlotaram dia 16 um pequeno comitê político da candidata a vereadora Lídice da Mata, na rua Bento Gonçalves, Salvador. Javier Alfaya, Rômulo Almeida, Haroldo Lima e Luiz Nova estavam presentes, dando força à Tendência Popular do PMDB. Luiz Nova, que concorre à Assembléia Legislativa, comentou: "Candidato popular não inaugura comitê; abre trincheira de luta!".

### Areia contra revólveres

Dia 12, centenas de jovens, crianças e adultos expulsaram um comício da "corua do PDS" no bairro da Chapada, Manaus. Na batalha o povo usou areia, pedras e cartazes do PMDB, enquanto os pedessistas estavam armados com revólveres. Três dias depois o PDS voltava — só que acompanhado da tropa da Polícia Militar, para escapar do repúdio do povo.

### Que oposição será essa?

Dia 15, no portão do estádio ENAO, Rio de Janeiro, a procura de um cadáver.

um comício dos candidatos populares do PMDB foi tumultuado por mercenários de um grupo de colagem de cartazes para Leonel Brizola. Muitos operários repudiaram a agressão, com comentários como "oposição não ataca oposição".

### Timbau com os populares

Na inauguração do Conjunto Vila Esperança, em Bonsucesso, Rio, com música e mais de 2 mil presentes, uma faixa se destacava: "Pela posse da terra, Carlos Henrique estadual e Arlindenor vereador". Eram os moradores do morro do Timbau, ameaçados de despejo das casas onde moram há anos. Eles estão com os candidatos populares do PMDB.

### Juventude apóia Guedes

Guarani, na Zona da Mata mineira, tem 10 mil habitantes e sempre foi reduto do PDS, mas reuniu mil pessoas para um comício do PMDB, com Tancredo Neves e Itamar Franco. A juventude da cidade — alvo dos ataques do prefeito — aderiu à candidatura popular do ex-presidente da UNE, José Luis Guedes, para a Câmara Federal.

### Jair vai cair do cavalo

Na cidade gaúcha de Palmeira das Missões — 70 mil habitantes e 8 mil desempregados — mais de 3 mil populares se reuniram em comício para ouvir Pedro Simon, candidato do PMDB. Para o candidato popular a vereador palmeirense Ernani Galvão Inácio, "seguramente o PDS vai cair do cavalo nas eleições".

### Governista espanca dois

Em Campina Grande, Paraíba, o candidato do PDS à prefeitura, Vital do Régo, manda seus capangas espancaram populares nos seus comícios. Manoel Crispim e em seguida o jovem Aedeildo do Nascimento já foram suas vítimas. O truculento candidato, ex-deputado cassado por corrupção, apenas a firma "não se responsabilizar pelo que acontecer a ninguém".

### "PMDB nesse ladrão!"

Dia 22, o povo de Recife desmanchou o comício de um vereador governista, na praça Joaquim Nabuco, aos gritos de "ladrão" e "PMDB nele", até fazê-lo fugir. A poucos quarteirões, na pracinha do Diário, o comitê de Cristina Tavares e Luciano Siqueira (PMDB) ensinava o povo a votar, numa cédula-gigante, de madeira, escrevendo com giz. O interesse era tão grande que os próprios populares chamavam outros para participar.

### À procura de um cadáver

Na Vila Saramandaia, Recife, capangas do pedessista Correia Neto impediram no muque um comício do PMDB. Dia 22 à tarde, quando o ex-presidente da Comissão de Justiça e Paz pernambucana e candidato a vereador Pedro Eurico chegou ao local, junto com o candidato a deputado estadual Sérgio Longman, foram recebidos a tiros. Um locutor, de apenas 17 anos, chegou a ser espancado e atingido de raspão por uma bala. É o caso de perguntar: quem está à procura de um cadáver?

### Médica denuncia a corrupção na rede do SASE

A rede hospitalar do SASE (Serviço Social de Assistência Social e Evangélica), vinha lesando os cofres do INAMPS em Cr\$ 1 milhão por dia. Esta denúncia foi feita no início de julho pela médica Magda Isnard. O SASE tem uma rede particular com 22 ambulatórios e 16 hospitais na baixada fluminense. A fraude era feita em Magé, Estado do Rio, através de fichas de atendimentos falsas e do uso indevido de carimbos de 19 médicos.

A médica Magda Isnard estava de plantão, juntamente com a enfermeira Marina Neri, do funcionário Daniel e o professor Dirceu Almeida, quando viu quatro homens retirarem as provas da fraude e jogar no rio. O pastor Isaías, presidente do SASE, tentou suborná-la, prometendo aumento de salários e oferecendo um cargo de direção na empresa. Em troca ele pedia que a médica não confirmasse ter visto a retirada dos documentos fraudados do hospital.

A corrupção do SASE não é nova. Em 1969, numa sindicância do antigo INPS, ficou constatado que sua unidade de Caxias praticava estelionato. O inquérito propôs que o convênio entre o SASE e o INPS fosse cancelado. Mas a corrupção da Previdência Social não permitiu e o que aconteceu foi o contrário, aumentou o número de ambulatórios e hospitais conveniados com a Previdência Social.

Magda Isnard afirma que o motivo do seu ato foi o de resguardar a sua profissão e denunciar uma corrupção que lesa o patrimônio público. Ela disse que não podia trabalhar sabendo que enquanto o trabalhador desconta uma parte de seu salário para ter um atendimento médico, existe um grupo de pessoas que se utilizam do nome dos médicos para lesar um patrimônio. (da sucursal)

### Prefeito do PDS não paga salário em Aparecida

Os 40 professores de Aparecida, cidade próxima a Goiânia, estão sem receber seus salários há nove meses. A denúncia foi feita pela professora Adeildes Marques da Silva, que está com um filho de apenas 20 dias passando fome. O prefeito José Fabiano, do PDS, se recusa a pagar os funcionários da Prefeitura.

Adeildes denunciou que "José Fabiano desviou 9 milhões de cruzeiros da prefeitura, sob o pretexto de consertar estradas, mas até hoje ninguém viu nenhuma obra do prefeito". A professora diz que José Fabiano só está tirando dinheiro da prefeitura. Comenta-se na cidade que ele já comprou um supermercado por cinco milhões de cruzeiros, mas para despistar colocou no nome de seu irmão.

A prefeitura de Aparecida se transformou em verdadeiro comitê eleitoral do PDS. Adeildes conta que "quatro professoras foram mandadas embora sumariamente porque não aceitaram ser cabos-eleitorais do PDS". (da sucursal)

### Greve de médicos capixabas contra demissão no IESP

Os médicos do Instituto Estadual de Saúde Pública do Espírito Santo (IESP) estão em greve. Eles exigem a readmissão de 59 funcionários que foram arbitrariamente despedidos pelo órgão, com finalidades políticas. Exigem também a manutenção da jornada de trabalho, que foi ampliada sem que houvesse o aumento correspondente do salário pelo atual presidente do IESP, Amilton Alves.

O presidente do sindicato dos médicos, Milton Gomes de Oliveira, assegurou que o movimento só terá fim quando as reivindicações da categoria forem plenamente atendidas.

No caso da jornada de trabalho, alguns elementos da própria categoria trabalhavam além da jornada normal pelo mesmo salário. Por isso o governo, através do IESP, iniciou a demissão, exatamente dos que realizavam a jornada normal. No entanto, com a greve, a categoria conseguiu sustar as demissões. O governador biônico Eurico Resende, queria com essas demissões abrir novas vagas dentro do funcionalismo público, para usar politicamente a favor do PDS.

Com essas e outras medidas contra o movimento popular e democrático, o governo e seu partido, o PDS, vem se desmoralizando cada vez mais frente a opinião pública capixaba. (da sucursal)

## Policiais levam o terror ao Colégio Central da Bahia

O Colégio Central da Bahia, em Salvador, continua ocupado pela Polícia Federal desde que um grupo de alunos tentou promover um debate sobre as eleições de 15 de novembro. Os estudantes haviam convidado os candidatos opositores Haroldo Lima, Luis Nova e Lídice da Mata. 14 alunos foram expulsos, inclusive toda a diretoria do Centro Cívico, que foi desarticulado. Os estudantes vivem num clima de terror.

O colégio atravessa há muito tempo uma situação de precariedade material e didática. Após a posse da atual diretora, Maria Doralice Souza Santos, esta situação agravou-se. Até hoje os estudantes ainda não tiveram todas as 5 aulas normais do dia. O presidente da União Municipal dos Estudantes, Júlio Cezar Santos da Cruz, afirmou que os alunos foram expulsos "por denunciar de forma firme os problemas do colégio, mostrando-os à comunidade como fruto do governo de Antônio Carlos Magalhães e da incapacidade da atual diretora".

Desde que o debate foi proibido pela segunda vez é a Polícia Federal, na pessoa de seu chefe de operações, Luis Carlos, conhecido pelos estudantes como "Gravatinha", quem dá as ordens. O Centro Cívico foi rou-

bado e todo material confiscado. Os estudantes que tentaram reaver o mural confiscado foram barbaramente agredidos pelos policiais acantonados na escola.

Foi instaurada uma vigília no colégio, contra o recrudescimento do clima de fascismo, com a participação de entidades democráticas e populares. Mais de mil pessoas saíram em passeata do colégio sitiado, mas acabaram dispersadas pela repressão.

Pouco tempo depois foi sequestrado o presidente do Centro Cívico. E vários estudantes foram presos. A polícia tem impedido qualquer assembleia no pátio da escola. No dia 17, foi deflagrada uma greve geral pela readmissão dos 14 colegas expulsos, pela saída da Polícia Federal e pela restauração do livre exercício do Centro Cívico. Agentes federais voltaram a agredir estudantes, prendendo Edvan Alves Medrado, um dos expulsos.

Mas os estudantes não se dobraram. No dia 20 foram presos um dos dirigentes da greve e um estudante que passava pelo local. Ambos foram agredidos com metralhadoras e soco inglês. Os estudantes denunciavam o clima de terror, "com os mesmos requintes de épocas anteriores". E contam que até as provas são controladas por policiais armados.

(Paulo Oisioviç, da sucursal)



Os estudantes do Colégio Central querem a polícia fora da escola

### Secundaristas presos em Goiânia

Os estudantes goianos estão revoltados com a prisão arbitrária de três secundaristas, realizada no último dia 20. Foram presos o secretário-geral da União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES), Daniel Silva Santos, a diretora do Centro Cívico do Colégio Dom Abel, Francisca Miranda, e a estudante do Colégio Imafi, Abadia El Kadi, detidos por mais de 12 horas na Delegacia de Ordem Política e Social.

A diretora do Colégio Dom Abel, Maria Rosa Cota, arbitrariamente expulsou Francisca

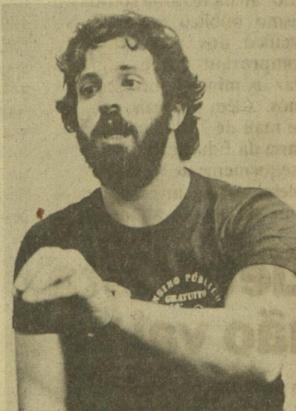
Miranda do Colégio. Em resposta, foi realizado um ato com cerca de 500 pessoas, diante do Colégio, com a presença da UMES e vários Centros Cívicos. Rosa Cota comprometeu-se, então, a receber os estudantes no dia 20, quando os secundaristas paralisaram as aulas no Colégio, e forma conversar com a autoritária diretora. Mas a Cota preferiu chamar a polícia, que deteve os estudantes, inclusive um menor de idade. A UMES e várias entidades democráticas protestaram contra o arbitrio e exigiram a demissão da Rosa Cota. (da sucursal)

## Congresso da UEE paulista aprova voto contra o PDS

O 4º Congresso da UEE de São Paulo, realizado dias 17, 18 e 19 em São Caetano do Sul, deixou claro a posição dos estudantes contra a política educacional do governo. O Congresso decidiu que os estudantes devem votar na oposição, contra o governo e contra o PDS nas próximas eleições. Foi um dos congressos mais representativos, com 530 delegados que elegeram a nova diretoria.

Uma das preocupações dos estudantes atualmente é preservar a unidade do movimento estudantil. Por isso, as propostas de luta de conteúdo mais unitárias e combativas foram as vitoriosas. Foi recebida com aplausos uma intervenção do diretor da UEE, Paulo Lima, quando afirmou que "é importante tirar deste congresso uma nova diretoria que garanta a unidade das lutas estudantis".

Até o ano passado a diretoria da União Estadual dos Estudantes era escolhida por eleição direta em urna. Agora, os congressistas decidiram quase por unanimidade que a nova diretoria fosse eleita no Congresso. Das três chapas apresentadas, a que tinha Flávio Dias Patrício como presidente foi a vencedora. Flávio teve uma atuação destacada na atual gestão da UEE, mantendo um cons-



Flávio, o novo presidente da UEE

tante contato com os estudantes de diversas regiões do Estado, o que certamente favorecerá o seu trabalho à frente da entidade.

O comparecimento dos estudantes ao Congresso foi menor do que o esperado, apesar de contar com 530 delegados, bem superior aos 350 presentes no Congresso anterior realizado em 1980. Isto mostra que se deve trabalhar ainda mais para tirar novos delegados para o Congresso da UNE, em Piracicaba. Papel fundamental cabe a estes estudantes que querem uma diretoria da UNE capaz de unir os estudantes de todo o Brasil.



A assembleia, que contou com as grandes fábricas, aprovou a pauta de reivindicações

## A luta salarial nas fábricas de S. Paulo

A sede do Sindicato lotou, com cerca de quatro mil operários, na primeira assembleia da campanha salarial dos metalúrgicos da capital paulista. Bastante animados os trabalhadores votaram sua pauta de reivindicações, onde se destaca a luta por estabilidade no emprego de um ano; 15% de aumento acima do INPC; e a legalização das comissões de fábricas.

Fruto das onze greves que ocorreram de agosto para cá, envolvendo mais de 10 mil metalúrgicos, o clima da assembleia era de luta. Não houve divergências quanto à pauta de exigências que será entregue aos patrões. Mesmo assim ocorreram algumas desavenças menores, vaiadas pelos operários. "Não vamos ficar criando polêmica em cima de besteiras. Nós temos é que mobilizar a categoria", advertiu Lúcio Antônio, membro da Comissão de Fábrica da Ford.

Como exemplo para toda campanha, Lúcio informou que na Ford a orientação "é realizar de agora em diante, todos os dias, comícios-relâmpago na hora do almoço e fazer inúmeras reuniões por setor e na sub-sede do Sindicato". Ao final da assembleia foi eleita a Comissão de Negociação, com 33 operários, que também terá o papel de mobilizar a categoria.

### SITUAÇÃO DA FÁBRICA

Nas fábricas a luta salarial começa a ser o "papo" do dia-a-dia. Da Ford, com 2100 operários, Lúcio garante que irão na próxima assembleia "uns 500 companheiros". Ele acha que a campanha deste ano pode deslanchar melhor do que a do ano passado. "As greves que pipocaram dão ânimo. Também contribui a mudança de postura da diretoria do Sindicato, que abriu mais a entidade. Se a gente organizar as fábricas e ocupar o espaço no Sindicato a campanha vai esquentar". Só nos últimos meses mais de 200 operários da Ford se sindicalizaram.

Já na Mafersa, segundo Antonio Carlos Duarte, membro da comissão de fábrica, "temos feito algumas reuniões e a participação é boa. As greves e

a manifestação na Sofunge, que fica no mesmo setor, animaram o pessoal, mostraram que só com luta a gente alcança melhorias. A turma está preocupada com o facão e diz que para garantir o emprego tem que ter uma campanha salarial forte, intimidando os patrões".

### POLÍCIA NA MOTORES

A preparação da campanha é mais complexa na Fábrica de Motores Brasil, que no dia 30 fez uma greve de três horas. Depois da paralisação a polícia mantém plantões diários na empresa e quatro operários foram intimados pelo Dops. Maria do Socorro, uma das intimadas e membro da Cipa, comenta: "O pessoal está muito revoltado, diz que os patrões são safados e

### Ocupar o espaço no Sindicato

Os metalúrgicos de São Paulo têm conseguido ampliar o espaço de atuação no interior do seu Sindicato. Velhas exigências das correntes sindicais que discordam da orientação da atual diretoria, conhecida por sua prática antidemocrática e imobilista, foram conquistadas no início desta campanha salarial: sete sub-sedes foram abertas nas regiões para facilitar a mobilização; a comissão de negociação foi escolhida de forma mais democrática, com ativistas eleitos nas fábricas.

O Sindicato mais aberto e atuante possibilita que a luta salarial ganhe força, mobilizando a categoria para do-

brar a intransigência patronal. Concretamente há condições do Sindicato cumprir sua tarefa de convocar amplamente todos os metalúrgicos; de realizar reuniões por fábricas, tornando-as trincheiras de luta.

Mas, como diz o ditado, "o seguro morreu de velho" e não se pode deixar estas tarefas essenciais na mão dos que nunca inspiraram confiança. Os operários conscientes e combativos precisam ocupar o espaço aberto no Sindicato e cumprir as tarefas colocadas para mobilizar a categoria. Não é fora do Sindicato, com críticas vazias e práticas divisionistas, que se conseguirá lotar as assembleias e pressionar os patrões.

## Governo usa marginais para derrubar casas na Paraíba

Na madrugada do dia 16, quase setenta soldados da Polícia Militar, mais elementos da polícia civil, acompanhados de 100 presos, derrubaram as 800 casas e esparcaram várias pessoas que haviam se instalado num terreno abandonado de João Pessoa, batizado de Jardim Independência. Os dois advogados do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, que prestavam solidariedade aos moradores do local, foram presos.

No mesmo dia, as 700 famílias que ocuparam o terreno abandonado há 20 anos, juntamente com personalidades democráticas e o Bloco Popular do PMDB, convocaram um ato público no Ponto de Cem Réis, que mesmo a despeito de muita chuva, conseguiu reunir mais de 500 pessoas.

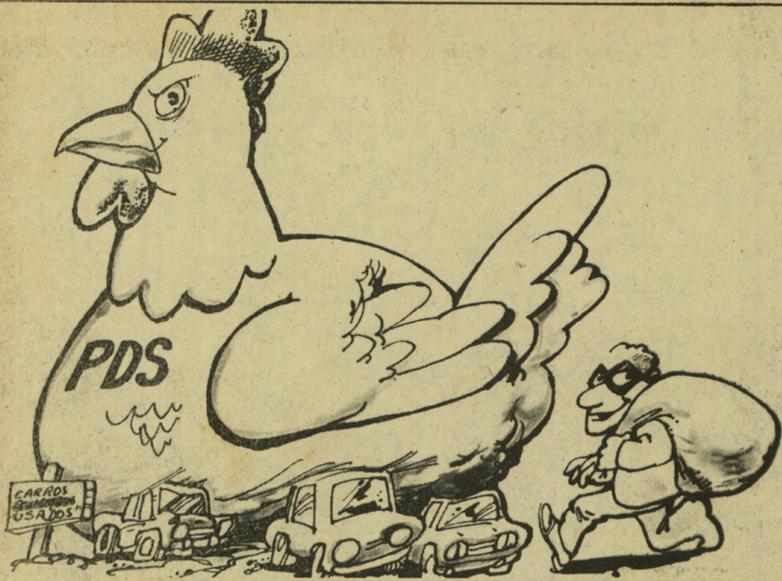
Na oportunidade foi denunciada a ilegalidade da repressão, que foi feita à noite, e com auxílio de marginais presos; a



O Jardim Independência foi "fundado" no dia 7 de setembro

inclusive uma decisão do prefeito de João Pessoa, que um dia antes, ao visitar o local da invasão, prometeu a manutenção do pessoal na área, anunciando inclusive que funcionários da prefeitura iriam fazer o cadastramento dos favelados.

Fundação Maurício Grabois



## Crime de político do PDS a lei encobre

Chega um momento em que não aguentamos mais pressões, desmandos, arbitrariedades de políticos despidos de qualquer conceito moral e de dignidade. Assim sendo, levo ao seu conhecimento um crime notório e público aqui em Ponte Nova, envolvendo pessoas do PDS que logo estarão imunes pelo código penal brasileiro.

O ex-candidato a prefeito pelo PDS, Hansenclever Tavares André, líder político e rico, amigo de Eliseu e do Abi-Ackel, tem uma empresa de carros na cidade — Cipal — de revenda de veículos

Fiat. Este político é acusado de ter comprado dois ou três veículos furtados no Paraná. Acontece que aqui existe um delegado novo, apolítico, íntegro, que o indiciou em inquérito policial.

Mas Hansenclever ajuda o Eliseu na campanha, dá-lhe caminhão (carreta de sua transportadora) para os comícios, ajuda financeiramente a campanha, é membro do PDS e deu ainda uma casa, gratuitamente, ao PDS, para fazer o seu comitê ao lado da delegacia, e em frente ao fórum. Comenta-se na cidade que o inquérito está guarda-

do há dois meses, não foi e não irá ao fórum.

O delegado ameaçou mandar o inquérito para o fórum e foi-lhe prometida uma transferência para o norte de Minas na divisa com a Bahia. É a vergonha que falta aos membros do PDS de Minas, ao protegerem homens como esse.

Não podemos continuar a aceitar tal estado de coisas. É uma afronta à lei e à dignidade de nossa gente. Eles não são os donos deste país, e espero que jamais existam donos aqui. (Um funcionário público, Ponte Nova, Minas Gerais).

## Em Suzano, candidato do PMDB perde emprego

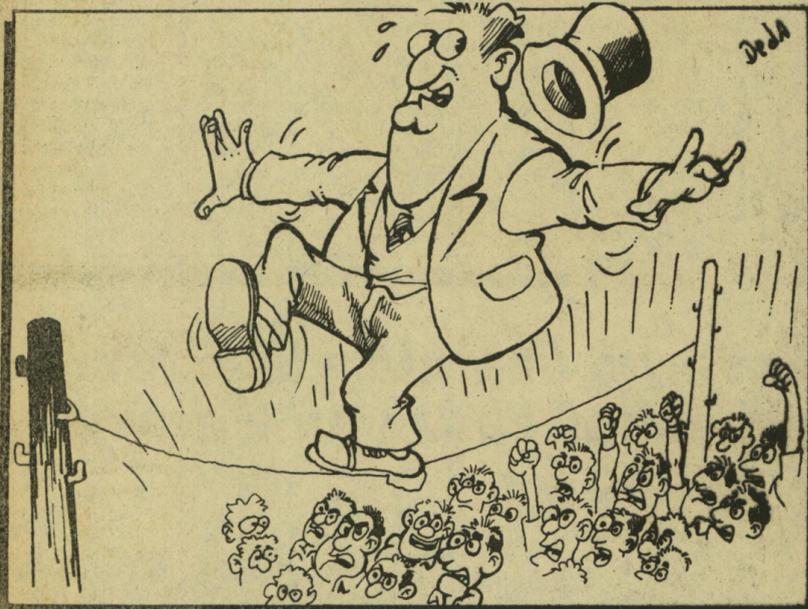
Em Suzano, no dia 3 de setembro, na estação de trem, um caminhão (placa LR 2564) com a faixa da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, vendia alimentos que fazem parte da "Campanha do Alimento Mais Barato" do governo do Estado. Entretanto, nesse mesmo caminhão encontrava-se uma faixa que dizia "Colaboração Mori-Guará", os quais são candidatos pelo PDS de Suzano a prefeito e a vice. Esses dois elementos nunca fizeram nada pelo povo, e agora fazem demagogia com alimentos que nós pagamos com nossos impostos, o que se constitui num crime eleitoral

que até o momento não foi punido.

Enquanto isso, os moradores do Jardim São Bento fizeram um abaixo-assinado com 1.500 assinaturas, exigindo uma feira para o bairro. Foram conversar com o prefeito do PDS que falou que isso não era possível e nem mesmo a colocação no bairro de um caminhão com alimentos para suprir a necessidade de abastecimento daquele local. Mas agora surge o caminhão com alimentos para fazer campanha para o PDS.

Enquanto o PDS pratica essas infrações eleitorais, o

candidato popular a vereador pelo PMDB, Mauro Euzébio, que há mais de 10 anos trabalhava como almoxarife na indústria Refratário Brasil, por ser candidato do PMDB e comprometido com as lutas populares, foi demitido. Em seu lugar foi contratado um elemento reconhecidamente adepto do PDS, o que vem causando grande revolta entre os trabalhadores da fábrica que, como resposta ao patrão e ao governo, se comprometem a eleger Mauro Euzébio. (Comitê de apoio ao deputado federal Aurélio Petes e ao candidato a vereador Mauro Euzébio em Suzano, São Paulo)



## População revoltada joga pedras em ônibus atrasado

Sou operário e moro no bairro de São José, na zona sul de São Paulo. Como colaborador deste jornal, vou contar como o povo do bairro se mobilizou, revoltado com os constantes atrasos dos ônibus.

No dia 31 de agosto no Largo São José, na linha Metrô-Conceição, cerca de 80 pessoas esperavam o ônibus que, para variar, estava atrasado. Eram 5:50 quando chegou o ônibus das 5:30, abriu a

porta e o povo começou a entrar. Já haviam entrado cerca de 10 pessoas, quando o fiscal avisou que era o ônibus de trás que ia sair. O pessoal não aceitou sair porque já estava atrasado e exigiu a saída do ônibus. O fiscal disse então que o povo que "tocasse" o ônibus, e o povo disse que iria é tocar fogo. Ai começaram a apedrejar 2 ônibus, quebrando seus vidros e rasgando seus bancos. (Só não quebraram mais porque faltou pedras). O povo

jurou que no próximo atraso quebraria os ônibus de todas as linhas e a casinha do fiscal.

No dia seguinte, o ônibus chegou no horário, e o cobrador falou para nós passageiros que o fiscal, queria que o ônibus saísse da garagem em 20 minutos mais cedo "para evitar encrenca". Isto mostra o medo que a empresa tem da revolta do povo, e que o povo unido jamais será vencido. (Metalúrgico do Núcleo da TO na Avenida Nações Unidas — São Paulo, SP)

## Fazendeiro agride empregado

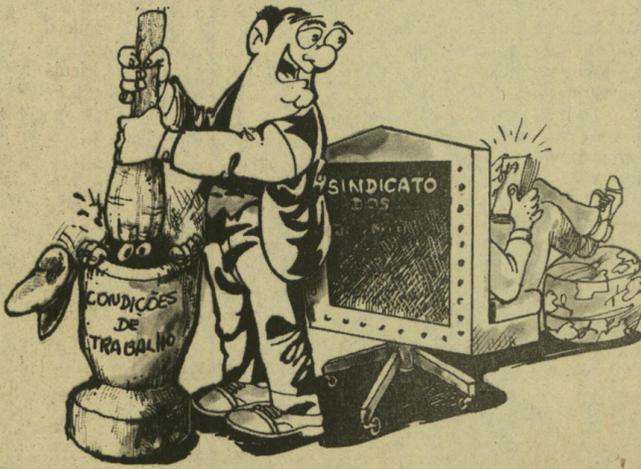
Valdir Cruz, irmão do candidato a vice-prefeito de Barbalha pelo PDS, proprietário do sítio Brejinho e outros sítios e engenhos no município vem se tornando um terror para seus empregados e moradores. No dia 6 de setembro, Valmir agrediu com pauladas na cabeça e nas costas o trabalhador rural Geraldo dos Santos, expulsando-o de sua propriedade e ameaçando matá-lo.

Geraldo, com outros 30 assalariados, vinha trabalhando para o patrão desde o início do corte da cana, há 4 meses. As condições de trabalho eram escravizantes, uma vez que o patrão exigia a produção diária de 30 cargas de rapadura, obrigava os empregados a trabalharem mais de 12 horas por dia e pagava apenas Cr\$ 300,00 de diária. Geraldo já estava devendo Cr\$

15 mil e não tinha como pagar. Por isso, chegou atrasado ao trabalho e foi castigado pelo patrão cruel.

O Comitê Eleitoral do PMDB de Barbalha está denunciando nos comícios as arbitrariedades do PDS. Valmir é acobertado pelo coronel Aauto Bezerra, candidato a vice-governador do Ceará e conhecido pelas violências e crimes que cometeu ou acobertou quando era governador do Estado, visando consolidar-se como corrente política dentro da ARENA.

Solidários com o trabalhador agredido, os operários de uma indústria de Barbalha decidiram pagar a dívida de Cr\$ 15 mil e anunciaram que vão votar em massa no PMDB. (Correspondente eleitoral da TO, Barbalha, Ceará).



## Rodoviários do Rio explorados

Nós, Rodoviários da Viação Estrela Azul, estamos sendo muito explorados. Estamos igual a carne quando está sendo devorada pelo Urubú. Se o motorista está parado em qualquer lugar e o outro carro bater na traseira, somos obrigados a pagar a avaria causada pelo carro que bateu.

Nós só recebemos, como prova de pagamento de avaria, os vales constando como adiantamento de salários. O motorista que termina as viagens no ponto final é obrigado a levar o carro na garagem, sem receber hora-extra. Às vezes fica sem ganhar até duas horas extras. Se não o fizer, é demitido sem direito a nada. Quando o empregado quer fazer acordo, ele é enrolado até pedir a conta. Ou então leva uma justa causa por não aceitar o acordo injusto e arbitrário da empresa.

A rendição no ponto só tem horário para chegar, mas para pegar não tem. Caso não tenha carro, o empregado não ganha o dia como reserva, perdendo todo o dia. O patrão, João Borracheiro, por qualquer coisinha demite o empregado, mandando procurar os direitos. Empregado com dois anos de firma tem que fazer acordo, se não quiser está demitido.

O patrão faz isso porque sabe que a justiça é dele, do patrão, e não do trabalhador. Quem manda é o capital. É por isso que nós, rodoviários, temos que mudar a diretoria do nosso Sindicato. Sindicato de empregado não é para ter um inspetor patrão. Nosso Sindicato tem que defender os trabalhadores, e não a sua diretoria ficar na mordomia. Por isso tudo, temos que eleger a chapa de oposição, que é a chapa 2. (Grupo de rodoviários que apóia a T.O., Rio de Janeiro)

## Governador engana funcionalismo goiano

O aumento que o governador de Goiás está concedendo ao funcionalismo público goiano é discriminatório, enganador e mentiroso. Discriminatório porque os apunhaçados do governo, que já percebem um salário maior, terão também um índice de aumento bem superior ao da maioria sofrida do funcionalismo público estadual. No caso específico dos professores, os índices comprovam que o aumento não satisfaz as mínimas necessidades dos mesmos. Além do mais, a carga horária de mais de 7 mil funcionários da Secretaria da Educação foi reduzida e, consequentemente, o salário.

Os professores, ao invés de terem 1982 o ano "D" como anunciava o

biônico Ary Valadão do PDS, viram na mensagem enviada à Assembleia Legislativa em agosto, uma verdadeira frustração. Os índices de aumento que são parcelados serão assim: de 28% a 40% a partir da data de publicação da lei (ninguém sabe quando); 40% em dezembro e o verdadeiro aumento de 100% só acontecerá em 1º de fevereiro, logicamente já pago por outro governo. Mais de 80% dos professores ganham menos que o salário mínimo regional, e os professores recebem seus vencimentos com atraso cada vez maior. Agora os professores param o trabalho toda vez que o salário atrasa, para pressionar o governo. (L.R., professor de Goiânia, Goiás).

## Eletricista diz porquê não vai votar no PDS

Sou um operário contrariado com o que vem acontecendo no nosso mundo de hoje. Pra começar, sou eletricista, mas como Goiás é muito atrasado, tenho que trabalhar em construção civil. Os patrões olham a Carteira e dizem: "Mas só dois meses você trabalhou na última firma? Queremos pelo menos oito meses..." mas eles só pegam a gente no final da obra. Ai trabalhamos até às 18 horas, mais os sábados e domingos. O serviço dura 30 ou 40 dias, e aí estamos no olho da rua, com os poucos direitos que temos. Vamos para outra firma, onde começa tudo novamente.

Moro num conjunto da Cohab, inaugurado este mês. E aqui no interior as prestações da casa média custam quase o dobro das de uma casa

grande em Goiânia, e com asfalto. Aqui no conjunto Sol Dourado não tem asfalto e o ônibus tem o horário que parece uma cidade que não tem eleitor. Vê se dá pra votar no PDS? Damos uma entrada de Cr\$ 20 mil, e mais prestação atrás de prestação, sempre com ameaça de multa, com a prestação aumentando todo mês. Sómente neste mês o governador, com seu chapéu de palha na cabeça, veio aqui para a festa de inauguração e já teve aumento. Enquanto isso, o governo faz um conjunto residencial com carpete nos três quartos, e passarelas, azulejos até o teto nos banheiros, cozinhas e o melhor asfalto, lá no meio do mato, em Alto Paraíso, pros ricos. E os pedreiros ganhando uma miséria. (Eletricista, Trindade, Goiás)



## fala o POVO

O que mais tem se caracterizado nestas eleições é a violência praticada pelos políticos ligados ao PDS contra os opositoristas. As cartas que publicamos neste número, de Ponte Nova-MG, Barbalha-CE e Suzano-SP mostram que estas violências dos pedestes permanecem impunemente. Continue a nos escrever amigo leitor, denunciando as arbitrariedades praticadas pelo PDS na sua cidade ou no seu bairro. Estes fatos reforçam a necessidade de derrotarmos nas urnas o PDS, partido da violência e da corrupção. (Olívia Rangel).

## Tribuna recebe apoio do Sindicato de Caetitê, Bahia

Tomando conhecimento da perseguição que o governo arquiteta contra a Tribuna Operária e seus combativos diretores através da fascista Lei de Segurança Nacional, os trabalhadores rurais de Caetitê, através do seu órgão de classe, vêm hipotecar total e irrestrita solidariedade à Tribuna Operária único jornal operário-popular do Brasil, e a seus diretores indiciados em inquérito na Polícia Federal. Repudiamos mais uma vez a existência da truculenta e fascista Lei de Segurança Nacional, sempre usada pelo regime de fome, desemprego e repressão para tentar calar a voz daqueles que, de forma destemida, se colocam na defesa dos interesses nacionais, operários e populares do Brasil.

A Tribuna Operária está sendo alvo de ódio do regime, por ser o único órgão de imprensa que divulga as lutas do povo, denuncia o caráter corrupto, entreguista e repressor do regime militar, além de defender com ardor e sinceridade os ideais de reforma agrária radical, liberdade de organização, amplas liberdades políticas e democracia para os trabalhadores, para a classe operária e para o povo.

Conclamo a todos os operários e trabalhadores rurais, Sindicatos, entidades populares e democráticas, personalidades, a levantarem sua voz em defesa do direito democrático de livre circulação para a Tribuna Operária, pela revogação da Lei de Segurança Nacional, pelo fim da censura e da repressão no Brasil. Abaixo a L.S.N! Viva a imprensa operária, viva a Tribuna Operária (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caetitê, Bahia)

## Operários elegem CIPA combativa na fábrica Cobafi

No dia 25 de agosto, pela primeira vez numa fábrica têxtil (a COBAFI), os trabalhadores elegeram para CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) companheiros tirados do próprio seio operário. Só os que sofrem com as péssimas condições de insegurança no trabalho é que podem fiscalizar. Assim, os trabalhadores elegeram a "chapa do Peão" e derrotaram, com um rigoroso NÃO, a chapa do "patrão".

A "chapa do peão" fiscalizará com rigor as condições de trabalho a que estão submetidos os companheiros nesta fábrica: temperatura alta insuportável para o homem, barulho excessivo, áreas de gases nocivos, áreas insalubres, etc. Prometem também promover debates e palestras sobre segurança e lutar junto com os operários petroquímicos pela construção, em Camaçari, de um hospital de queimadura e toxicologia.

Os operários eleitos fazem uma chamada aos companheiros que os elegeram: "Só vamos conseguir vitórias nesta luta por melhores condições de trabalho se todos os companheiros participarem e apoiarem ativamente o dia a dia da CIPA". Vida longa à Tribuna Operária. (Operários têxteis que apóiam a TO, Salvador, Bahia)

## Moradores em luta contra a poluição da fábrica Chadler

Há muito tempo que nós, moradores do bairro de Roma, estamos em luta contra a poluição da fábrica de chocolates Chadler. O descaso com que o governo de Antônio Carlos Magalhães trata o nosso problema é assustador — muita promessa e nenhuma solução. Isto não é de se admirar, pois o truculento ACM, como todos os políticos do PDS, vive cuidado dos interesses dos ricos, o lucro do patrão, mas a saúde do povo nada vale para eles. Nós, como colaboradores da Tribuna Operária, nos sentimos na obrigação de: 1 — denunciar o descaso do governo; 2 — conclamar todos os moradores do bairro de Roma a comparecerem à assembleia de criação de nossa associação de bairro, dia 18 de setembro; 3 — conclamar todos os moradores do bairro a participarem da grande passeata que será realizada no dia 25 de setembro; 4 — conclamar todos os moradores da área a fazerem campanha firme contra o PDS que sustenta o governo autoritário de ACM. Queremos respirar! Chapa de Chadler, não polua o ar de Trindade, Bahia)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

## Suspensão da dívida externa

Uma das principais formas de exploração imperialista em nossos dias é a concessão de empréstimos aos países mais débeis. Grande parte dos empréstimos é para financiar a compra de máquinas e equipamentos — e até fábricas inteiras — nos próprios países credores. A concessão de empréstimos tornou-se uma forma disfarçada de exportar capital.

### BOLA DE NEVE

O endividamento dos países dependentes multiplica-se rapidamente. Em 1977, a dívida externa destes países somava 150 bilhões de dólares e em 1982, esta quantia alcançou 720 bilhões. No Brasil a dívida passou de 3 bilhões para mais de 80 neste período.

O país devedor fica amarrado pelo pagamento de juros escorchantes. Uma parte da dívida é paga com juros fixos mas a maior parte é com juros reajustáveis de ano para ano, de acordo com a situação da economia mundial — ou seja, as consequências da crise caem sobre os mais fracos. Para os países com dívida elevada é cobrada uma "taxa de risco" extra. O Brasil é hoje o país que paga taxa de risco (spread) mais alta do mundo. Não é a toa que só de juros o país vai gastar o equivalente a 25 vezes a verba destinada à Previdência Social. Os países devedores ficam numa situação semelhante aos mutuários do BNH, cada dia pagam mais.

### DOMÍNIO TECNOLÓGICO

Para a construção de Itaipu, em 1979 o Brasil fez um contrato com bancos estrangeiros para financiamento de 18 grupos de turbo-alternadores — 80% construídos por indústrias multinacionais instaladas no Brasil. Para a construção de Ilha Solteira a União Soviética acertou um financiamento com a condição de que 20% fosse destinado à compra de equipamento russo. O acordo nuclear Brasil-Alemanha é todo baseado em tecnologia estrangeira. No ano passado o general Figueiredo foi à França e acertou um vultuoso empréstimo, sendo que metade foi para comprar equipamentos franceses e um terço para a instalação de uma desnecessária rede de radares franceses no Brasil. A FIAT instalou-se em Minas Gerais usando fundamentalmente capital fornecido pelo governo. A multinacional italiana vai pagar com os resultados da produção. Mas o governo foi buscar recursos nos bancos internacionais. Todo este esquema leva à dependência financeira à dependência tecnológica.

### JÁ ESTÁ PAGO

Os imperialistas ganham tanto através da cobrança de juros abusivos como pelo lucro fabuloso de suas indústrias instaladas. Ganham também fornecendo "assistência técnica" aos equipamentos estrangeiros instalados nas indústrias nacionais ou estatais. Ganham ainda com fraudes na contabilidade — é sabido que as filiais compram material das matrizes no exterior com preços aumentados e vendem seus produtos com preços reduzidos. Fazendo a conta, os credores internacionais já foram pagos, e muito bem pagos. Cada dólar emprestado rendeu muitos dólares.

Já se fala em renegociar o pagamento da dívida. E os democratas mais conseqüentes defendem de imediato o congelamento da dívida, para dar um desafogo na economia do país e estudar novas condições de pagamento. Mas um governo operário-camponês e de outros setores progressistas irá ao fundo do problema. Com o apoio da ampla maioria dos brasileiros, um regime de democracia popular suspenderá o pagamento desta dívida imposta pelo imperialismo. E passará para as mãos do Estado todos os bancos e empresas multinacionais, que também já foram pagos pelo sangue e trabalho do povo brasileiro. A seguir, burguesia e revolução no Brasil.

ESPECIAL

# Lúcia morreu sem se render

**Maria Lúcia Poço, 27 anos, operária, principal organizadora do I Congresso da Mulher Metalúrgica de São Paulo e presidente do Centro de Cultura Operária faleceu no dia 18 de setembro, travando sua última batalha, contra as dores do câncer. E deixando um vazio difícil de preencher.**

Para falar sobre Lúcia, seu exemplo nas lutas de todo dia, nas greves operárias, no combate pela emancipação da mulher, a **Tribuna Operária** ouviu algumas pessoas que conviveram mais estreitamente com ela: suas irmãs Leonor e Penha, suas amigas de adolescência e de trabalho na fábrica, Creusa e Fátima, e a médica Júlia Roland, que acompanhou todo o processo de sua doença.

**Penha** — Sou dois anos mais velha que a Lúcia. Nossa mãe era operária têxtil e nosso pai marceneiro. Embora fôssemos pobres, meu pai achava que as filhas dele não deveriam trabalhar fora. Mas aos 11 anos eu tive que entrar na fábrica, e a Lúcia começou aos 13 anos.

Mesmo com esses preconceitos, meu pai também achava que a gente não devia baixar a cabeça pra ninguém. Por isso nunca nos curvamos diante dos chefes. No começo, muitas vezes a gente entrava numa fábrica num dia e era despedida na mesmatarde, por desobediência.

**Creusa** — Eu conheci a Lúcia mais ou menos nessa época. Morávamos em ruas paralelas, no Burgo Paulista.

**Penha** — Formamos um grupo no bairro, que foi crescendo e chegamos a juntar uns 30 jovens. Discutíamos tudo, desde os problemas na fábrica até a crise do capitalismo. Fomos apelidadas de **Viet Burgo**. A Lúcia sempre foi muito calada, mas também muito decidida e ousada. Era a defensora das meninas da rua. Depois ela começou a ser uma ativista na fábrica. E cresceu muito, até superou sua dificuldade de falar. E se tornou uma liderança entre as metalúrgicas.

### UMA LIDERANÇA

**Leonor** — Sou 7 anos mais nova que a Lúcia. E enfrentei menos o problema da repressão em casa, porque elas já tinham aberto o caminho.

**Penha** — Pouco a pouco meu pai foi aceitando nossa participação. Ele viu mulheres e crianças serem espancadas em manifestações e aí ficou com vergonha, admirado com a coragem de Lúcia. Então passou a ser guarda-costas dela.

**Creusa** — Eu trabalhei com a Lúcia na Philco, em 1978, na época da greve do ABC. E decidimos fazer greve lá. A Lúcia tinha poucos meses de fábrica, mas liderou o movimento. Paramos tudo, até a

enfermaria e o refeitório.

**Leonor** — Eu me lembro no dia em que elas conseguiram as reivindicações. A Lúcia ficou tão animada que saiu com um sapato, de cada cor...

**Creusa** — A Lúcia também foi fazer piquete na greve de 1979, quando morreu o Santo. Acabou sendo presa na porta da Philco.

**Fátima** — Nesta época eu estava entrando na Philco. Naquele ano ela organizou o Congresso da Mulher Metalúrgica, brigando muitas vezes com o Joaquinão, enfrentando ele cara a cara.

**Júlia** — Foi neste Congresso que conheci a Lúcia. Ela era muito corajosa. Pouco depois que ela fez a primeira operação, fomos juntas numa assembleia da campanha salarial de outubro de 1980. Ela ainda estava com os pontos da operação. Houve uma briga. Foi um custo impedir a Lúcia de entrar no meio da confusão, ao lado de seus companheiros.

Também me chamou atenção como ela era capaz de trabalhar na fábrica, mobilizando os operários. Ela sabia unir as reivindicações mais sentidas dos peões com a luta pela libertação do operariado e de todo o povo.

Não por acaso em 1981, na eleição da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, ela trabalhou ativamente na Chapa 3.

**Penha** — Ela sofreu dois anos com o câncer. Mas não foi infeliz. Mesmo na doença sempre procurou curtir os bons momentos, se vestir bem, passear. Gostava de aproveitar a vida. Foi assim até o fim. **(Olívia Rangel)**



Maria Lúcia recebe as últimas homenagens de seus companheiros, familiares e amigos.

## A última homenagem a Lúcia

Lúcia foi velada no Sindicato de sua categoria, a grande categoria dos metalúrgicos de São Paulo, por quem tanto lutou. Centenas de pessoas foram prestar sua última homenagem a essa operária que também defendeu os direitos da mulher e de todo o povo.

Ali estavam seus amigos, vizinhos, seus companheiros de adolescência. E também representantes de entidades de classe e populares, e personalidades democráticas que reconheciam seu valor, sua garra pioneira. Comissões de operários da Eriez, da Fiel, da Matarazzo, da Mapri, da Mafersa e da Motores Brasil, acompanharam, atestando a liderança de Lúcia no seio de sua classe.

Em passeata, cerca de 400

pessoas acompanharam o féretro até o cemitério de Vila Formosa, levando faixas e cartazes. De repente alguém na multidão começou a gritar: "Companheira Lúcia, a luta continua." E todo mundo respondia. Uma faixa do PC do Brasil homenageava sua militante. Muitos quiseram falar, lembrando momentos da vida de Lúcia e rendendo a ela sua última homenagem. Profundamente emocionado, seu pai afirmou: "Agora, vocês terão que se vestir de Lúcia e sair por aí lutando como ela lutou. Tenho 8 filhos. E sei que eles ocuparão o lugar dela. Se ninguém fizer isso eu irei tomar o lugar que ela deixou!"

O caixão baixou ao túmulo ao som da **Internacional**. Muitos choravam homens, mulheres e crianças. Alguém

começou a cantar o **Funeral do lavrador**. E todos repetiam o estribilho. "Esta terra em que estás, de palmo medido, é a terra que querias ver dividida".

Pouco a pouco, todos foram saindo, cabisbaixos. "Tristes, sim — como afirmou o representante do Comitê Central do PC do Brasil — porque perdemos uma lutadora. Mas alegres por que um pouco de você continua em nós e na nossa luta".

Os pais de Maria Lúcia voltaram para casa emocionados, mas de cabeça erguida. Sentiam que ela tinha tido um enterro de gente importante, como disse um vizinho. Sentiam que ela tinha sido respeitada e amada em toda sua vida, muito mais do que eles ousavam acreditar.



Lúcia no Congresso da Mulher Metalúrgica em 1979

## Um exemplo do que é viver

Os médicos que acompanharam a doença de Lúcia ficaram admirados com a coragem que ela demonstrou ao saber que tinha câncer. "Ela encarou isso como mais uma batalha" — afirma Júlia Roland. Tinha seus momentos de medo e angústia. Mas procurava não se dar por vencida. Tentava poupar a família e os amigos. Ela mesma contou à mãe que tinha câncer. Quando soube que não poderia mais ter filhos, procurou encarar de frente a situação. Aproximou-se mais do sobrinho, queria estar sempre com ele. Ela sofria dores terríveis, mas não quis tomar morfina. Quis ficar lúcida até o último instante. Procurava seguir todas as orientações dos médicos. Fazia um esforço enorme para comer, mesmo sem sentir fome.

Procurava evitar a quimioterapia, um tratamento muito difícil de suportar. Mas quando lhe disseram que esta era a única forma de sobreviver, retomou o tratamento como quem retorna ao campo de batalha.

Na última vez em que foi internada, estava se contorcendo de dor. Mas três dias antes participou de uma reunião de preparação da campanha salarial de sua categoria. Essa era a forma que ela encontrava de não se entregar ao desespero, de não se considerar morta enquanto houvesse alguma esperança de vida. Como afirmou sua amiga Fátima, "ela enfrentou a vida, a luta e a morte com muita coragem. Foi um exemplo do que é viver".

## "Para viver é preciso ser artista duas vezes"

O artesão **Geraldo Teles** é mais um desgarrado que perambula pelos "becos culturais" de São Paulo. Batemos um papo, regado a cafezinho. Sem pressa, ele debulhou um rosário de profissões e indiferenças enfrentadas na sua trajetória artística.

**(Roque S. de Souza)**

**TO:** De onde você é?

**G.T.:** Sou da Bahia, onde eu já fui guardador de carro, polidor de vidro, garçon, baterista e jogador de futebol. Joguei no Bôtafogo na época do Zague. EU era conhecido por Lamarona. Parei de jogar bola por causa de uma deficiência visual.

**TO:** Desde quando você é artesão?

**G.T.:** Em 1963, fui trabalhar no Museu de Arte Sacra da Bahia, e comecei desenhar as imagens da sala que eu tomava conta. Não tinha ideia de transportar pra madeira. Um dia saí do cinema e topei com um baú na Ladeira da Preguiça, levei pra casa. O marceneiro do Museu me emprestou as ferramentas e eu desembestei a entalhar. Eu morava na "República dos Sete", aí morava o entalhador Jesuino Campos — o Zú — que muito

me orientou. Na nossa república iam pessoas como o compositor Batatinha e outros bambas da música popular da Bahia. Foi quando surgiu a proposta pra eu fazer a obra "Comunicação" que tá lá no Mercado Modelo. Em seguida fiz o "Sermão da Montanha" que tá no posto telefônico da Barra.

**TO:** Como você veio parar em São Paulo?

**G.T.:** Através do serviço médico da UFBA — Universidade Federal da Bahia — fiquei sabendo que eu tava com descolamento de retina. Em 1975, pedi licença por 2 anos e vim fazer tratamento no Centro Oftalmológico de Campinas. Com o passar do tempo o problema dos olhos foi regredindo e eu passei a comprar pedaços de madeira e dando continuidade ao meu trabalho. Mas tenho consciên-



Geraldo Teles trocou o futebol pela difícil arte de dar vida à madeira

cia que pra viver como artista é preciso ser artista duas vezes.

As obras de Geraldo Teles navegam no caldo grosso e gostoso que é a cultura popular. Percebe-se nelas a força das festas de rua e de terreiro.

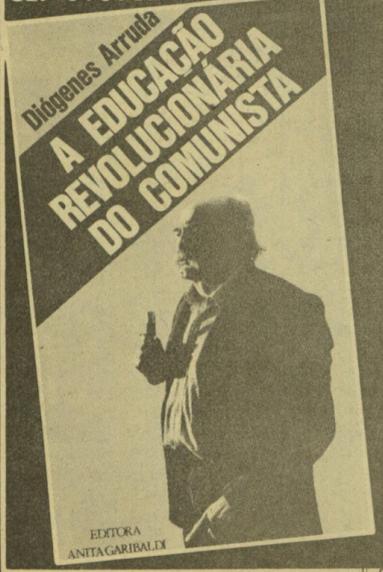
Samba-de-Roda, Procissão, Candomblé, Capoeira são cenas cotidianas por onde desfilam personagens que sabem e outros que nem sabem de si. Mas todos eles choram e dançam, gemem e cantam afinados no diapasão da negritude que dá o tom

**TO:** Você que é um artesão, poderia falar das dificuldades dum artista brasileiro?

**GT:** Pra ser artista num país como nosso, é necessário ter boa arquitetura de cabeça e um bom jogo de cintura. Sem resistência e sem manha periga rodar. Você sabe: jacaré que marca vira bolsa de madame. Pra um artista alugar uma casa ou um apartamento e comprar a crédito numa das arapucas criadas pelo Gordinho do Planejamento é um Deus-nos-acuda dos diabos.

Atualmente são enormes as dificuldades pra se fazer uma amostragem nas galerias. Os donos só alugam e poucos são os artistas que podem correr o risco. O preconceito racial e de cor também é uma barreira. Anunciaram pela televisão que o Centro Cultural de São Paulo tava aberto a todos os artistas. Me apresentei pra dar um curso de entalhar e o funcionário que me recebeu simplesmente disse: "Não há condição e o senhor não pode falar com o chefe". Por quê? "Porque ele não vai lhe pagar".

Uma coletânea de artigos de Diógenes Arruda sobre a estrutura do partido leninista e formação de revolucionários. Pedidos à Editora Anita Garibaldi, Trav. Brig. Luiz Antonio, 53, São Paulo, SP, CEP 01318.



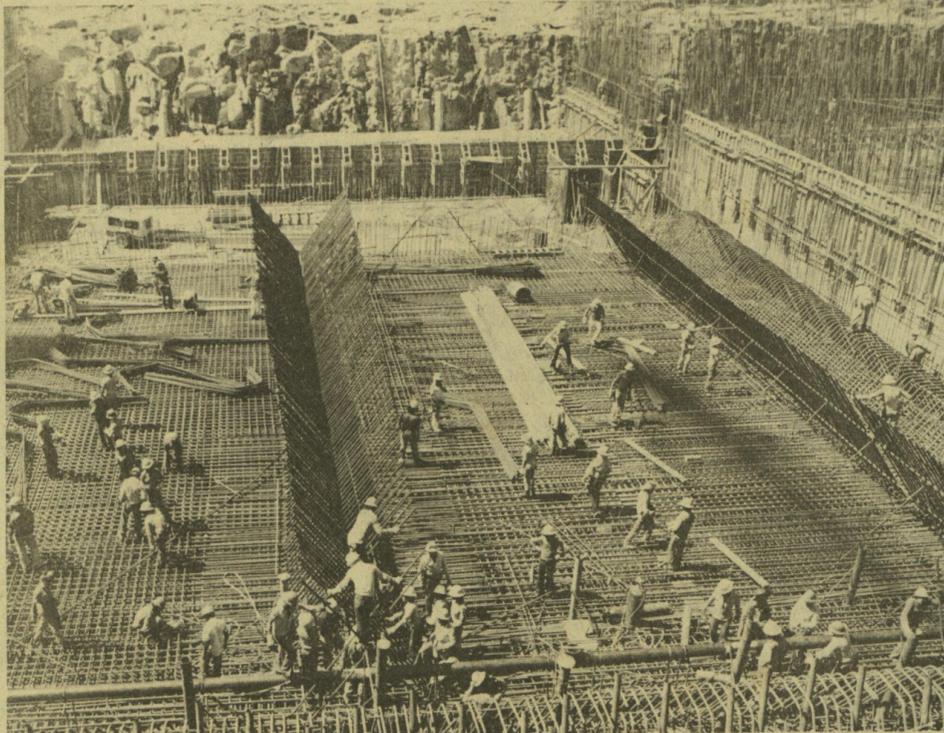
# O desemprego ronda Itaipu

A usina hidrelétrica de Itaipu — “a maior obra do mundo”, na fronteira entre o Paraguai e o Estado do Paraná — está demitindo na base de mais de mil operários por mês. Na medida em que os blocos da barragem chegam no “teto”, os peões são postos na rua, sem esperança de emprego. **Zé Mineiro**, mecânico na obra, relata a situação dos trabalhadores.

## A rotina da perda de emprego é o que aflige o operário

Quando ele chegou a Itaipu, há um ano e pouco, havia ali uns 30 mil operários. Em março começaram as demissões e, hoje eles não chegam a 22 mil. A Itamon, onde trabalha **Zé Mineiro**, mantém ainda seus 3.500 empregados. Mas as dispensas correm soltas entre os 15 mil brasileiros e paraguaios da Unicon — o consórcio encarregado da parte de construção.

A rotina é uma só: o peão recebe a carta de quitação, entrega as ferramentas no almoxarifado, dá baixa no alojamento — e só aí sobe no departamento de pessoal para receber. Se é velho de barragem e conseguiu juntar um pé-de-meia, ainda pode tentar a sorte com algum comerciazinho, ou um sítio. Se é novo, tem que cair no mundo. Muitos vêm para São Paulo,



A obra suntuosa chega ao fim, e o desemprego ronda milhares de trabalhadores da Itaipu Binacional

procurar as fábricas. É gente saindo de Itaipu para São Paulo e gente saindo de São Paulo para Itaipu — como formigas, desorientadas.

O que mais aflige a classe operária hoje em dia, na opinião dos companheiros de Itaipu, é o desemprego. **Zé Mineiro** é taxativo a respeito. Mas eles encontram dificuldade para levar a luta

adiante, e não somente devido à repressão patronal. É que um canteiro de obras é diferente de uma fábrica, onde se luta por estabilidade. Um dia a obra acaba, e que podem fazer os operários? A solução teria que estar num processo contínuo e planejado das grandes construções, para garantir sempre mais postos de trabalho — algo que mais parece um sonho em

meio à crise atual de todo o mundo capitalista.

Os felizardos que ainda não foram para o olho da rua enfrentam uma jornada de trabalho de 12 horas e até mais. Na Itamon, os montadores normalmente pegam das 7 às 20 horas, com uma hora de almoço. São as oito horas normais, mais três horas extras e uma outra para descontar o sábado. Sábado, porém, é comum pegar das 7 horas até as 12 ou mesmo as 17 horas. Os holleriths registram de 80 a cem horas extras mensais.

## Advertência para os que não vão trabalhar domingo

Pior ainda é a jornada dos construtores, da Unicon: trabalham até aos domingos; e se algum está escalado e não vai, leva uma advertência. O salário é relativamente alto — piso de 109 cruzeiros por hora, ou 26 mil por mês, que com as horas extras chega a até 42 mil; porém o ritmo de trabalho, mais o fantasma do desemprego, infernizam a vida do peão.

Itaipu não paga periculosidade, nem insalubridade, mas é um verdadeiro monstro devorador de vidas operárias. Segundo a segurança da Unicon, já morreram uns cem nas obras, mas ela é paga para

## Operário de Itaipu é de oposição, vota no PMDB!

Nas obras de Itaipu quem manda é o todo-poderoso presidente da empresa binacional — o general Costa Cavalcanti, tido inclusive como um dos possíveis sucessores de Figueiredo, se o regime militar durar até lá. Cavalcanti, porém, é impopular, queimado entre os operários, principalmente por sua intransigência em negociar com os lavradores desapropriados das terras que serão inundadas pela represa.

O próprio Figueiredo também não tem prestígio. Quando visitou as obras, dia 4 de julho, juntou muito menos gente que no dia em que se fechou as comportas, para testar, e a “peãozada” juntou-se em massa para ver os peixes capturados. Os operários de Itaipu, como os de todo o Brasil, concordam que o grande problema é o governo. E querem mudá-lo.

### OPERÁRIOS PRESENTES!

**Zé Mineiro**, nascido no vale do Jequitinhonha, mas formado com o metalúrgico na grande



Roberto Campana



General Cavalcanti, terror dos peões

escola das greves do ABC, participa vivamente deste sentimento. E nas eleições deste ano ele e seus companheiros estão dando força à oposição. **Zé Mineiro** conta que descobriu o PMDB de Foz do Iguaçu este ano, e não esconde as limitações de alguns dos seus componentes. Mas ele sabe que o papel dos operários é justamente colocar-se na frente da luta eleitoral, empurrando para frente a campanha oposicionista. Por isso foi um dos oradores mais aplaudidos da convenção estadual peemedebista, onde uma grande faixa dizia: “Operários de Itaipu, presentes!”

Dentro do canteiro de obras, só há alguns dias apareceu um peão fazendo alguma campanha para o PDS. O restante, é tudo oposição, tudo PMDB. Por problemas da burocracia eleitoral, foi impossível lançar candidatos da obra mesmo, mas os operários escolheram, para apoiar, o candidato a vereador com a posição oposicionista mais avançada — o médico Carlos Roberto Campana.

## Operários denunciam exploração

Queremos denunciar certos abusos praticados pela Empresa Itamon Ltda., responsável pela instalação eletromecânica da Itaipu Binacional, no que diz respeito a seus funcionários que moram no Paraguai. Isto aqui é pura ilusão para todos que vierem buscar melhores financeiras, sendo que a maioria diz que no dia do pagamento seria bem melhor receber os descontos, que daria muito mais.

Para se ter uma idéia, a energia elétrica nas casas do núcleo localizadas no Paraguai ficam em torno de Cr\$ 5 mil, Cr\$ 10 mil cruzeiros, sendo uma média de Cr\$ 7 mil para cada trabalhador. O recibo fornecido pela Ande (Central Elétrica Paraguuaia) nós não vemos, e o que recebemos é somente um recibo fornecido pela Itamon. Segundo informações, a

Ande cobra a energia em guaranies (o dinheiro paraguaio), mas com três meses de uso e no câmbio da época, sendo que o cruzeiro sofre queda toda semana.

Outra coisa que reclamamos e não nos dão explicação é sobre ajuda de custo. A empresa diz que moramos numa área que pertence ao canteiro de obras, o que é mentira. Somos obrigados a ter Carteira de Imigrante, fornecida pela Dirección General del Ministerio del Interior. Achamos, portanto, que temos direito à ajuda de custo, já que outra empresa que atua na área paga aos seus funcionários. Se recebêssemos a ajuda de custo, pelo menos compensaria a despesa com energia elétrica.

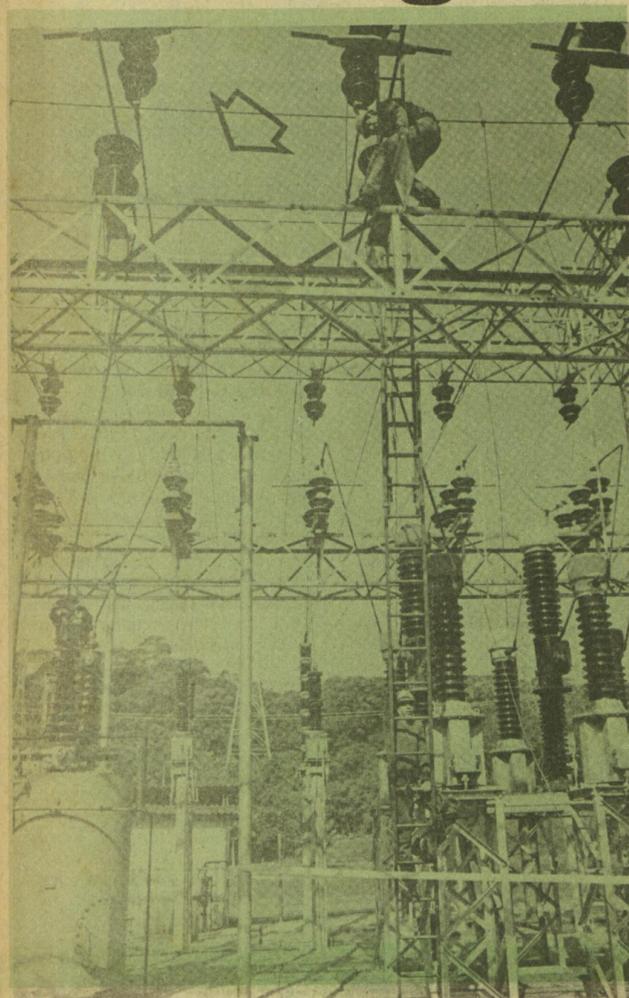
Se você tem carro e a polícia paraguaia manda você parar, nunca diga que mora no Núcleo,

senão terá que desembolsar 10 mil guaranies (cerca de Cr\$ 13 mil). Vão exigir o chamado Permiso, que custa em torno de 20 mil a 25 mil guaranies, e só tem validade para seis meses.

Não temos ninguém que venha defender nossos interesses, e se pleitearmos a formação de um Sindicato, na certa seremos demitidos. Isso depois de passar pela Segurança da Itaipu. Caso alguém tenha alguma dúvida a respeito do que denunciamos, não será muito difícil saná-la. Basta conversar com funcionários da Itamon.

Aqui fica o nosso abraço e o de muitos funcionários da Itamon ao pessoal da **Tribuna Operária**, jornal de grande circulação no canteiro da obra. Saudações. (Um grupo de operários da Itaipu Binacional)

# Descarga de 88 mil volts mata operário



A seta indica onde Armando sofreu a descarga.

No dia 12 de setembro mais um eletricitário morreu: Armando Pedro de Araújo, 41 anos, 16 de empresa e pai de quatro filhos. Ele recebeu uma descarga de 88 mil volts no dia 24 de julho na usina Henry Borden da Eletropaulo, em Cubatão, ficando no hospital até falecer. Igual a ele, dezenas de trabalhadores dão suas vidas nesta perigosa profissão.

O desprezo pela vida do trabalhador foi o principal culpado pela morte de Armando. Ele era pintor na usina mas, como o técnico da turma havia se ausentado, a chefia o obrigou a subir nas grades de ferro. Sem qualquer instrução, Armando se aproximou de uma faca seccionadora com 88 mil volts de carga e não precisou nem tocá-la um arco energizado o atingiu. A descarga incendiou suas roupas, causou queimaduras de terceiro grau em metade do corpo e o derrubou de uma altura de sete metros.

### RECORDE EM ACIDENTES

Estes acidentes são comuns na categoria, considerada a recordista em acidentes de trabalho. Segundo dados de março de 1981, atuam no setor de energia elétrica em todo país cerca de 159 mil trabalhadores. Entre 1977 e 1980 ocorreram 18.520 acidentes e nada menos que 256 mortes. Só no primeiro semestre deste ano, em São Paulo, ocorreram três mortes.

Os acidentes aumentavam desde que a companhia canadense Brascan vendeu a Light ao governo brasileiro, em dezembro de 1978. A Brascan perderia a concessão do monopólio do serviço de distribuição de energia elétrica em 1981, com seu patrimônio revertendo automaticamente ao Estado. Mas o governo militar em mais um gesto entreguista “estatizou” a compa-

nhia, dando-lhe dos cofres públicos dois milhões de cruzeiros, em troca de uma sucata velha, já que a Brascan não investia há muito na modernização dos equipamentos.

### TRABALHO PERIGOSO

Em parte esta sucata tem causado acidentes. Há cabos de alta tensão em uso que são de 1910. Várias subestações e estações em São Paulo não oferecem as mínimas condições. Na da rua Augusta, na capital paulista, existe um transformador com 60 anos de serviço, quando o fabricante recomenda no máximo 20 anos. Na subestação da Liberdade recentemente houve uma explosão e dois trabalhadores foram queimados.

A função de eletricitário em si já é perigosa, exigindo melhores cuidados, cursos e bons equipamentos. Mas o governo não investe em treinamento e material. “A empresa teria que formar um quadro de profissionais para o serviço com três oficiais e três ajudantes. Mas o que se vê são ajudantes fazendo o serviço dos oficiais, pois assim a Eletropaulo gasta menos. Um ajudante ganha apenas Cr\$ 46 mil”, explica João Ferreira Ramos, encarregado de atendimento em Santo Amaro, São Paulo.

### O FANTASMA DA MORTE

“Ser eletricitário é carregar uma cruz. É um serviço que atormenta a

desinformar. O fato é que toda semana morre um peão. Ainda há poucos dias, um curto circuito derrubou uma “escada marinheira” de uns cem quilos, lá da elevação 144 (144 metros acima do nível do mar) bem em cima da cabeça de um trabalhador, um paraguaio. A segurança disse que ele morreu no hospital. Mas ela sempre diz isso, para a indenização à família ser menor.

## Muita insatisfação dos operários que buscam uma saída

Em outro caso, caiu um peiner, um desses grandes guindastes,

usados nas barragens, e morreram cinco de uma vez. Os acidentes mais comuns são as quedas, ou então material pesado que despenca sobre os operários. Itaipu tem um jornalzinho interno que fala muito da obra, porém silencia sobre esses desastres.

Desta forma os peões de Itaipu — na maioria antigos bóias-frias e lavradores desapropriados pela empresa — vão fazendo seu aprendizado de classe como operários. Sindicato não existe, a empresa não deixa. Porém há muita insatisfação, à procura de um caminho. “O pessoal só sabe meter o pau no governo — comenta **Zé Mineiro** — ainda não chegou a uma conclusão sobre o que fazer”.

## Os depoimentos de Armando

No dia 19 de agosto, 25 dias antes de falecer, Armando Pedro deu entrevista ao assessor da diretoria do Sindicato dos Eletricitários. Numa voz trêmula e sofrida ele relatou o acidente, comprovando a culpa da Eletropaulo pelo acidente. A **Tribuna** transcreve com exclusividade a entrevista:

**Você foi treinado para fazer aquele serviço?**

**Armando:** Não senhor, eu nunca tinha subido naquilo ali.

**E quem mandou você executar o serviço que ocasionou o acidente?**

**Armando:** Foi o encarregado geral que mandou. Ele falou que já que o fulano não vai, vai você mesmo. Isto não está certo não senhor, mas eu fui.

**Você tinha noção do que estava fazendo?**

**Armando:** Não senhor. Eu só sabia que estava limpando aquelas facas que estavam abertas. Eu limpei as duas e na terceira eu me queimei.



Armando, enfermo no hospital

**Você sabe a distância que um trabalhador deve ficar dos 88 mil volts (80 centímetros)?**

**Armando:** Não sei. Ninguém me ensinou e não tinha nenhuma referência.

gente”, conta João Ramos. Ele mesmo já sofreu um acidente em março de 1972. “O oficial mandou eu puxar um fio, mas não estava desligada a energia. Quando veio a descarga, queimou minhas costas e braço direito e caiu da escada, a oito metros de altura. Só não morri por sorte”. João confessa que tem medo de sua função. “Quando eu me acidentei, minha mãe e esposa pediram, imploraram, para que eu deixasse o serviço. Mas não dá para sair: a gente está preso pelo salário. E se sair vai ganhar menos ainda e talvez nem ache emprego. O negócio é continuar com cuidado porque a morte vive ao nosso lado”.